



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ROBSON CARLOS DE SOUZA

**A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA NAS PÁGINAS DOS
PERIÓDICOS “ESTUDOS HISTÓRICOS” E “ANAIS DE
HISTÓRIA”**

ROBSON CARLOS DE SOUZA

**A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA NAS PÁGINAS DOS
PERIÓDICOS “ESTUDOS HISTÓRICOS” E “ANAIS DE
HISTÓRIA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL – em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em História.
Área de concentração: História Social.

Orientador: Profº Drº Paulo Alves

Londrina
2012

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S729p SOUZA, Robson Carlos de.
A Produção Historiográfica nas Páginas dos Periódicos: “Estudos Históricos”
e “Anais de História” / Robson Carlos de Souza – Londrina: Universidade
Estadual de Londrina, 2012. 99 f.

Orientador: Paulo Alves.
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
História Social, 2012.

Inclui Bibliografia.

1. Historiografia. 2. Historiadores. 3. Periódicos. I. Tese. Alves, Paulo. II
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em História Social. III Título.

CDU: 930.2

ROBSON CARLOS DE SOUZA

**A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA NAS PÁGINAS DOS
PERIÓDICOS “ESTUDOS HISTÓRICOS” E “ANAIS DE HISTÓRIA”**

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Paulo Alves
Orientador
UEL – Londrina - Pr

Profº Drº Sidinei Galli
Examinador externo
UNESP

Profº Drº Gabriel Giannattasio
Examinador interno
UEL – Londrina - Pr

Londrina, 29 de março de 2012.

Para Patrícia, companheira de todas as horas. Para Vanzorico, Fátima, Angela, Guilherme, Carolina, Vitor e avó Tereza, família querida.

AGRADECIMENTO

A melhor parte da conclusão de um trabalho são os agradecimentos; é o momento de lembrar e agradecer por todo o afeto recebido e a todas as pessoas e instituições que ajudaram ao longo do trabalho.

Para que essa dissertação fosse concluída muitas pessoas foram envolvidas, tanto de forma direta como indireta. É evidente que alguns o esquecimento estará presente e desde já o que resta é pedir a compreensão de todos aqueles que embora não mencione aqui meu sincero obrigado.

Gostaria de agradecer primeiramente a toda minha família em especial a minha esposa Patrícia Fagundes Pereira, obrigado pela compreensão e por toda dedicação nesse anos de caminhada, muito obrigado por tudo!

Para me conduzir nesta jornada, contei com a orientação, a o apreço além da atenção do professor Paulo Alves. Fico honrado em ser seu orientando. Muito obrigado! A professora Isabel Bilhão e ao professor Gabriel Gianattasio, agradeço pelas contribuições feitas na ocasião da qualificação que ajudaram muito no enriquecimento deste trabalho.

Um especial agradecimento também aos amigos Renan Saab e Marcel Saab pelo acolhimento na cidade de Londrina. Também aos colegas de curso: Carlos, Evandro Ritt, Lucas colegas de seminários e discussões.

E por fim ao corpo docente do departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.

SOUZA, Robson Carlos de. **A produção historiográfica nas páginas dos periódicos “estudos históricos” e “anais de história”**. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2012.

RESUMO

As revistas Estudos Históricos e Anais de História surgiram na década de 1960. A primeira, Estudos Históricos, surgiu no ano de 1963, como publicação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Marília, esta revista teve quinze números publicados no seu período de existência que foi de 1963 a 1977. A segunda, Anais de História surgiu um pouco mais tarde, em 1968. Esta revista foi uma publicação do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, revista que encerrou suas atividades no ano de 1977 e teve durante seu tempo de existência oito volumes publicados. O presente trabalho tem como objetivo analisar a produção historiográfica vinculadas nestes dois periódicos, os quais juntamente com a “Revista de História”, publicada pelo Departamento de História da Universidade de São Paulo, desde 1950, foram os periódicos de maior circulação no Brasil, especializados na disciplina de História até o final dos anos de 1970. Procuramos assim, mapear as principais tendências historiográficas presente nos periódicos especializados na disciplina de História produzidos em Instituições Universitária do interior do Estado de São Paulo (Marília e Assis). A contribuição que estas revistas deram à historiografia brasileira foi no sentido de renovar e disseminar a cada número o nível das discussões em torno dos estudos históricos do país.

Palavras-chave: Historiografia. Periódicos. Historiadores

SOUZA, Robson Carlos de. **The historical production in the pages journals “historical studies” and “annals of history”**. 2012. 99 f. Dissertação (Master of Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2012.

ABSTRACT

Magazines and Historical Annals of the History appeared in the 1960. The first, Historical Studies, appeared in 1963, as publication of the History Department of the Faculty of Philosophy, Science and Letters of Marília, this magazine has published fifteen numbers in his lifetime of which was from 1963 to 1977. The second, Annals of the History appeared a little later, in 1968. This magazine was a publication of the Department of History, Faculty of Sciences and Letters of Assis, the magazine that ceased production in 1977 and had during his time of being published eight volumes. This study aims to analyze the historical production linked these two journals, which together with the "Magazine of History," published by the Department of History, University of São Paulo since 1950, were the most widely circulated journals in Brazil, specialized the discipline of history until the late 1970s. We seek thus to map the major historiographical tendencies present in specialized journals in the discipline of history produced in University Institutions in the state of São Paulo (Marília and Assis). Not observed leaving the contribution that these magazines gave the Brazilian historiography, disseminating and renewing each number, the discussions of historical studies in the country.

Key – words: Historiography. Journals. Historians

LISTA DE ABREVIATURAS

ANPUH	Associação Nacional de Historia
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
RAM	Revista do Arquivo Municipal
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO TRABALHO HISTÓRICO	17
1.1 A produção Histórica no Interior paulista e seus desdobramentos	17
1.2 A Institucionalização dos Estudos Históricos e o Campo da Produção Histórica	21
1.3 A Organização e a Profissionalização dos Estudos Históricos	25
CAPÍTULO 2 – HISTÓRIA EM REVISTA	29
2.1 A Historiografia no Brasil e a Revista do Arquivo Municipal de São Paulo	33
2.2 A Revista de História do Departamento de História da Universidade de São Paulo	36
CAPÍTULO 3 – HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: TEMAS E PROBLEMAS	39
3.1 Percursos da Historiografia Brasileira	39
3.2 A Produção Historiográfica Brasileira: Décadas de 1960 e 1970.....	50
3.3 Regime Militar e Historiografia Universitária	52
CAPÍTULO 4 – ESTUDOS HISTÓRICOS E ANAIS DE HISTÓRIA	55
4.1 Estudos Históricos e Suas Seções	57
4.2 Influências Externas e Internas	63
4.3 O Lugar do Historiador na Revista Estudos Históricos	65
4.4 A Revista Anais de História.....	69
4.5 Anais de História e Institucionalização dos historiadores.....	73
4.6 Anais de História e os Historiadores Estrangeiros	81
CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

A criação tanto da *Revista Estudos Históricos* como da *Revista Anais de História* tiveram como objetivo principal a divulgação dos trabalhos de nossos pesquisadores não só de historiadores, mas também de intelectuais de diversas áreas das ciências humanas, como indica o editorial da *Revista Estudos Históricos* publicada no ano de 1963.¹ Podemos observar dentro desse período de criação dos periódicos por nós analisados, um grande esforço feito no sentido de organização e institucionalização do trabalho dos historiadores. Podemos comprovar essa afirmação levando em conta a criação dos próprios periódicos dos departamentos de história de Assis e Marília que são os objetos e fontes deste estudo. Sabe-se que a criação em 1961 da *Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH)*, institucionalizou-se no país os cursos de *Pós-Graduação* e também dentro dessa perspectiva ocorreu o movimento de interiorização do ensino superior no Estado de São Paulo, iniciado no governo Jânio Quadros já no ano de 1957².

Toda a atmosfera de inovação e renovações no plano das ciências humanas no país nas décadas de 1960 e 1970 será refletida na produção de nossos historiadores. Desta maneira, o presente trabalho propõe analisar as transformações que ocorreram nos trabalhos e na produção dos nossos historiadores durante as duas décadas aqui apontadas anteriormente. Os termos *trabalho dos historiadores* e *ofício de historiador* são tomados numa perspectiva em que esses termos são pensados como exercício de reflexão de historiadores enquanto produtores do conhecimento histórico³.

Para tanto, busca-se analisar os periódicos departamentais da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília do Departamento de História da *Faculdade de Filosofia e Letras de Assis*. Esses periódicos foram responsáveis pela

¹ EDITORIAL. *Estudos Históricos* é lançada com os mesmos propósitos que consubstanciaram o I Simpósio de História. Pretendemos, com a Revista, retomar o diálogo. Agora, já não restrito à problemática do ensino da História, mas ligado ao interesse e às implicações da nossa ciência, aos problemas das pesquisas, estudos e experiências de magistério. O estudioso da História no Brasil, não tem muitas oportunidades para comunicar o resultado de suas pesquisas e estudos. A revista pretendem suprir essa falta, fornecendo-lhe um veículo de expressão e um meio para a troca de experiências, para o intercâmbio de idéias e de recursos e para a circulação de informações.

² - Porem efetivado para a área de História no ano de 1959, através da instalação do curso de graduação em história na cidade de Marília/SP.

³ - FALCON, F. J. *Historiografia Contemporânea Seminário: Balanços e Perspectivas* "Alguns problemas e perspectivas das relações entre a crise 'crise da modernidade' e a história contemporânea". *Revista de Letras da Faculdade de Letras; Historiografia Contemporânea*. p. 354.

produção historiográfica dos principais historiadores ao longo de duas décadas no interior paulista.

O modelo mais adequado de teoria interpretativa para tal análise dos periódicos de história e a produção historiográfica vinculada a estes periódicos no período em que propomo-nos analisar neste trabalho - décadas 1960 e 1970 – vem da proposta interpretativa de Michel de Certeau, na obra *Escrita da História*, um modelo interpretativo que podemos utilizar neste trabalho. A definição de Certeau em relação *A instituição histórica* é pertinente em nossa análise, levando em conta que esta é uma questão perseguida em nosso trabalho:

Esse lugar deixado em branco ou escondido pela análise que exorbitou a relação de um sujeito individual com seu objeto é uma instituição do saber.

Ela marca a origem das “ciências” modernas, como demonstram no século XVII as “assembleias” de eruditos, as redes de correspondências e de viagem formadas, então, por um meio de “curiosos” ou, mais caramente, no século XVIII, os círculos sábios e as Academias com as quais Leibniz tanto se preocupava. Os nascimentos de “Disciplinas” estão ligados à Criação de grupos.⁴

Outra questão discutida por Certeau em *A Escrita da História* se refere ao lugar do historiador, ou seja, de onde os historiadores produzem sua escrita, concordamos que esse “lugar” determina a produção historiográfica de cada historiador. Certeau aponta que:

De parte a parte, a história ontem, é determinada por uma fabricação localizada em tal ou qual ponto desse sistema. Também a condição desse lugar, no qual se produz, é a única que permite ao saber historiográfico escapar da inconsciência de uma classe que se desconheceria a si própria, como classe, nas relações de produção, e que, por isso, desconheceria a sociedade onde esta inserida.⁵

As considerações referentes à Michel de Certeau servem como um instrumento de análise em nosso trabalho, porém, não é nosso único e definitivo instrumento teórico.

Após as considerações referentes às questões metodológicas, partimos agora para a apresentação do objeto e fonte deste trabalho. Nesse primeiro momento apresentaremos as justificativas em relação à escolha de um trabalho, que tem

⁴ - CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes; 3. ed. – Rio de Janeiro, 2011. p.51.

⁵ - Idem. p.64

como fontes, periódicos produzidos em departamentos de história do interior do estado de São Paulo.

Os dois periódicos departamentais das unidades de ensino superior tiveram grande importância na ampliação, divulgação e na inovação do trabalho historiográfico no Estado de São Paulo e, porque não dizer, no país.

O professor José Roberto do Amaral Lapa, por exemplo, afirma em seu estudo, *A História em Questão – Historiografia Brasileira Contemporânea 1977* - que:

no Estado de São Paulo circulam atualmente três revistas universitárias especializadas em história, aliás, as únicas do país: Revista de História, com mais de cem números publicados, editada pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; Estudos Históricos, com doze números publicados, editada pelo Departamento de História da FCL de Marília, e Anais de História, com seis números publicados, editados pelo Departamento de História da FCL de Assis⁶.

Esta citação de José do Amaral Lapa mostra a grande contribuição das Revistas Estudos Históricos e Anais de História, somando-se a Revista de História do Departamento de História da Universidade de São Paulo para o alargamento e organização dos estudos Históricos nos países. Esses periódicos foram pioneiros na produção historiográfica vinculada a Universidade Brasileira.

A produção de periódicos dedicados aos estudos históricos no Brasil teve seu início no século XIX. Produzidos primeiramente pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que publicou sua primeira revista em 1868. Posteriormente, outras publicações de periódicos dos Institutos Históricos e Geográficos regionais, como o de São Paulo, publicaram ainda novas revistas. Em 1895 foi publicado o primeiro número da revista do Museu Paulista e, em 1934, surgiu o primeiro número da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. A criação e a circulação da Revista do IHGB, Revista do Arquivo Municipal de São Paulo e a Revista de História Publicação do Departamento de História da Universidade de São Paulo completam os acervos da produção historiográfica.

O primeiro capítulo deste trabalho intitulado *A Institucionalização do Trabalho Histórico* procuramos discutir o processo de institucionalização e

⁶ – LAPA, J.A. *A História em Questão. Historiografia brasileira Contemporânea*. – Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1976. p.28.

organização dos estudos históricos no Brasil no início da década de 1960. O processo de organização e institucionalização do trabalho dos historiadores teve uma estreita relação com a ampliação do ensino universitário brasileiro.

No segundo capítulo, as discussões giram em torno da profissionalização e a criação dos primeiros periódicos de história surgidos no século XIX na Europa. Nesse capítulo, também será discutido as mudanças que ocorreram na historiografia após a criação da Revistas Annales no ano de 1929.

Os primeiros periódicos dedicados aos estudos históricos surgiram no final do século XIX na Europa, produzidos inicialmente na Inglaterra e França. Revistas como “historische” (1865), “Revue Historique” (1876) e a “English Historical Review” (1886) foram as precursoras deste meio de divulgação do trabalho intelectual. O aparecimento das Revistas de História está ligado diretamente ao fato de que no século XIX teve início um processo de profissionalização do ofício de historiador na Europa. Os periódicos de história seriam apenas mais um instrumento utilizado na nova disciplina que estava surgindo, neste período a disciplina história irá se institucionalizar o que resultará na criação de Arquivos, sociedades culturais, bibliotecas e do ensino universitário, além de que a história tinha o papel de afirmar as ações do Estado e as revistas tinham o papel fundamental de divulgar essas ações. Como nos afirma Eric Hobsbawm: *no final do século XIX a disciplina história estava concentrada na ‘história de eventos’ – de fato em alguns países ela apresentava um nítido viés institucional – mas sua metodologia se prestava de imediata à narrativa cronológica*⁷.

Na França a *Revue Historique*, fundada 1876 por G.Monod e G.Fagneiz, que reuniu intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento tinha a intenção de promover e fornecer informações sobre a história, tanto nos países estrangeiros como na França. Entre os colaboradores da *Revue Historique* estão filósofos e historiadores como Duruy, Fustael de Coulanges e entre os jovens historiadores estão G. Monod, Lavisse, Bemont. A grande maioria dos fundadores da *Reveu Historique* foi professor no Colégio de França, na Escola dos Altos Estudos, nas Faculdades de Letras, o restante trabalhou em bibliotecas e Arquivos. *A revista de história diz-se neutra e imparcial, voltada à ciência positiva e fechada às*

⁷ – HOBBSAWM, E. Sobre História – São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.156.

*teorias políticas e filosóficas.*⁸ Esse grupo que se reuniu em torno da *Revista de História* é denominado como “metódicos”, ou como “positivistas”. Os metódicos irão dominar os meios acadêmicos e a investigação histórica na França até os anos de 1940; e *inscrevem uma evolução mítica da coletividade francesa – sob a forma de uma galeria de heróis e de combates exemplares– na memória de gerações de estudantes*⁹.

Na primeira metade do século XX, surgira na França os primeiros combates à chamada *História Metódica* que predominou durante a segunda metade do século XIX e até o final da segunda guerra mundial em 1945 do século XX. Os combates contra os Historiadores Metódicos iniciaram a partir da Universidade de Estrasburgo, onde dois jovens professores de história Marc Bloch e Lucien Febvre, fundaram em 1929 uma revista *Annales d'histoire économique et sociale* que a consideravam um lugar de pesquisa e de combates, a revista, que mais tarde, em 1946 mudaria de nome para: *Annales: économie-société-civilisation* e em 1993 passa a chamar *Annales: Histoire et sciences sociales*. O primeiro número dos *Annales* foi publicado em 15 de janeiro de 1929 e tinha em seu núcleo editorial um composto de historiadores antigos e modernos, um geógrafo: Albert Demanglon, um sociólogo: Maurice Halbwaches, um economista: Charles Rist, um cientista político: André Siegfriend.¹⁰ Nos primeiros números da revista predominará, principalmente artigos referentes à economia.

O objetivo deste trabalho é também discutir algumas questões referentes a produção historiográfica brasileira no contexto da organização e renovação do trabalho dos historiadores no Brasil. Outra possibilidade de reflexão é a de apontar as transformações ocorridas, duas décadas (1960 e 1970), no que relacionam as tendências historiográficas da produção dos historiadores brasileiros.

Essa perspectiva justifica-se pelo fato de que no período em que circularam os periódicos aqui analisados, havia no país apenas mais um periódico a *Revista de História* do Departamento de História da Universidade de São Paulo, os únicos dedicados exclusivamente ao tema História.

O terceiro capítulo *A historiografia brasileira: temas e problemas* procura contextualizar a produção historiográfica corrente nessas duas décadas,

⁸ – BORDÉ, G, e MARTIN, H. As Escolas Históricas. Coleção Debates. Trad. Ana Rebeca. Portugal: Publicações Europa – América.1997, p.100.

⁹ –Idem. , p.97.

¹⁰ –BURKE, P. A Escolas dos Annales (1929 – 1989) “A Revolução Francesa da Historiografia”. Trad. Nilo Odália, 6ª reimpressão. SP: Editora da UNESP, 1997. p.33

para tanto buscamos trazer o contexto político, cultural e social que marcou estas duas décadas de nossa história recente. A análise a partir da perspectiva cultural, política e social das décadas de 1960 e 1970 se fazem necessárias pelo simples fato de que as duas revistas que são os objetos de nosso estudo e também fontes para esse trabalho foram publicados nesse período de nossa história.

O quarto capítulo é dedicado totalmente a análise da produção historiográfica produzidas nas páginas das Revistas Estudos Históricos e Anais de História. Para esta discussão, no entanto, foi feito um levantamento de todas as “seções” das publicações das revistas Estudos Históricos e Anais de História. No quarto capítulo também é dedicado a análise das tendências historiografia presentes nas publicações por nos analisadas.

Desta forma nossa análise converge para o entendimento da historiografia da década de 1960 onde surge o hábito por parte dos historiadores de elaborarem eventualmente levantamentos, que são consequência da expansão sem precedentes que o conhecimento histórico conheceu a partir do final da última Guerra Mundial.

Os historiadores Jean Boutier e Dominique Julia afirmam no livro *Passados Recompostos* que: no fim dos anos de 1960, com o desvio que “deslocou” muitos historiadores, e dos melhores, de uma história econômica e social para uma história das mentalidades coletivas. Essa afirmativa de deslocamento temático na produção historiográfica mundial pode ser observada na produção historiográfica brasileira? A pergunta leva a tentativa de resposta a partir da análise das revistas estudadas neste trabalho.

A década de 1970 dentro da produção historiografia brasileira será marcada pela formação dos primeiros cursos de pós-graduação, nos quais firmarão caminhos mais promissores para a História no país, notadamente pôde a partir daí conhecer uma produção regular, por vezes sistemática. Outro traço relevante diz respeito às influências sofridas pela historiografia nacional nos anos de 1970, através das concepções metodológicas e temáticas francesas, além da forte presença dos norte-americanos denominados *brazilianists*, bem como de desdobramentos da teoria marxista da História. É durante a década de 1970 que surgem as renovações, não apenas temáticas, mas nos métodos e técnicas de investigação, no planejamento e na colaboração e integração interdisciplinar. Neste momento será forte a preocupação com questões teóricas, no tratamento das fontes,

na orientação metodológica, abrindo-se o leque tradicional de fontes históricas. Assim, nesse período, alguns historiadores apresentarão novas questões ou enfoques das antigas questões sob novos ângulos de análise.

Assim, procuraremos detectar os rumos do conhecimento histórico do início da década de 1960 ao final da década posterior. Procurando apurar as tendências da historiografia brasileira contemporânea, vinculadas principalmente nas universidades do interior do Estado de São Paulo. Nesse sentido, optamos pela análise e verificação dos periódicos que são as fontes e os elementos de interpretação para os interesses técnicos e metodológicos referentes à pesquisa e ao conhecimento elaborado. Procuraremos verificar também no trabalho do historiador, quais as influências predominantes ou que estiveram em maior evidência durante o período em que estamos propondo a analisar.

CAPÍTULO 1

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO TRABALHO HISTÓRICO

1.1 A PRODUÇÃO HISTÓRICA NO INTERIOR PAULISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS.

Primeiramente é recomendável contextualizar a periodização desta análise. Abrangendo o recorte temporal, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por serem décadas de intensas mudanças políticas e sociais que refletiram de forma direta na produção historiográfica no país.

Ao longo dessas décadas o país conheceu o período mais duro da ditadura militar implantada em 1964. A censura foi institucionalizada e a tortura de presos políticos foi uma prática recorrente. A repressão e o clima de terror de Estado se impôs em nome da “Segurança Nacional” sob alegação de “combate à subversão comunista” Essas práticas levaram à redução e ao silêncio os movimentos sociais no país.

Esse período também foi fortemente marcado pelo chamado “milagre econômico”, onde tanto o governo como os empresários estavam eufóricos com os altos índices de crescimento apresentados pela economia nacional. E a propaganda oficial prometia que até o ano 2000 o Brasil seria elevado à categoria de “Grande Potência Mundial”.

Com a criação e implementação do ensino universitário no Brasil verifica-se oficialmente sua expansão desde a década de 1920, particularmente com a criação da Universidade do Rio de Janeiro também as Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina e a Escola Politécnica¹¹. A Universidade no Brasil foi fundada com o objetivo e finalidade de elevar o nível da cultura geral, estimular a investigação científica em todos os domínios do conhecimento humano; habilitar o exercício de atividades que requer preparo técnico e científico superior. A partir dessas diretrizes foi criada também em 25 de Janeiro de 1934 a Universidade de São Paulo (USP).

Uma parcela dos intelectuais da Universidade de São Paulo (USP), sobretudo do grupo que advogava a sustentação da USP e de sua Faculdade de

¹¹ ROMANELLI, Otaíza de O. História da Educação no Brasil: 1930-1973. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 132.

Filosofia Ciências e Letras como centro para a renovação das elites dirigentes paulistas, representada pelos membros do Conselho Universitário da Universidade de São Paulo (CO/USP) e por colaboradores do jornal **O Estado de S. Paulo**, os quais teriam tentado resistir às pressões legais advindas primeiramente com a promulgação da Constituição Paulista de 1947 e posteriormente com a Lei Estadual n. 161, de 24 de setembro de 1948.

A Constituição Paulista de 1947 havia determinado a gratuidade do ensino superior, ministrado, preferencialmente, pelo Estado, e a implantação de cursos noturnos; e, a Lei Estadual n. 161, de 24 de setembro de 1948, promulgada pelo então governador do estado, Adhemar Pereira de Barros, havia disposto sobre a criação de estabelecimentos públicos de ensino superior em cidades do interior do estado de São Paulo¹².

A implantação desses estabelecimentos teria ocorrido menos em cumprimento a tais determinações legais e mais em conformidade com os conchavos políticos. Assim, teriam surgido as manifestações de “[...] apoios, contestações, ou mesmo condenações”¹³ por parte de intelectuais e políticos, muitas das contestações foram expressas em artigos e em documentos legais para a estruturação e a normatização dessas faculdades. Muitas dessas críticas contrárias à interiorização do ensino superior oficial apoiavam-se em critérios para o resguardo da qualidade das universidades. Alegava-se a falta de quadros e de recursos materiais para o funcionamento de um curso superior em regiões afastadas da capital paulista.

Diante disso, a alternativa encontrada pelo governo do estado para a “interiorização” do ensino superior no estado de São Paulo foi a criação de Institutos Isolados, autônomos em relação à USP.

Em relação a esse processo de interiorização iniciado na década de 1950 e que se estendeu para a década de 1960 a historiadora Anna Maria Martinez Corrêa mostra que o trabalho de difusão cultural constituía um papel político dessas faculdades visando transformar a realidade cultural das regiões do interior do estado de São Paulo. Para Anna Maria Martinez Corrêa:

¹² VAINDEGORN, 1995, p.157.

¹³ CORRÊA, 1998, p. 80

Começava a ganhar corpo a ideia da tarefa atribuída ao Estado de promover, de uma forma organizada, a expansão cultural no interior do Estado. A retomada do crescimento econômico do Estado tinha uma contrapartida na expansão cultural. [...] Essa ideia tinha como principal agente mobilizador a escola de nível superior. Supunha-se que a criação de faculdades, em determinadas cidades do interior, poderia provocar conhecimento; seria também uma maneira de se pensar numa transformação cultural de profundidade¹⁴.

Alguns professores da USP apoiaram a iniciativa, vendo na expansão uma necessidade reclamada pela população que precisava ser atendida, além disso, estavam cientes de que a qualidade não se encontra pronta, devendo ser uma construção permanente. Porém, na USP, não havia unanimidade em torno dessa tese. O próprio conselho universitário se opunha a criação de unidades isoladas no interior paulista, e, portanto, recusou todas as propostas de instalação de faculdades estaduais em cidades do interior.

Mas, por se tratar de um momento de modernização do país, a demanda era por profissionais de nível superior com formação especializada, em ensino superior remodelado, para atenderem às exigências da política desenvolvimentista da década de 1950 nas mais diversas regiões do país, o que exigia, também, a fixação desses profissionais nas cidades interioranas.

Neste contexto de embates no campo político e institucional é que serão criadas as primeiras revistas universitárias do interior do Estado de São Paulo, dentro dos debates que buscavam uma concepção de institucionalização do ensino universitário em um período (década de 1960) onde ocorreu um aumento considerável de material científico disponível, implicando na expansão das publicações periódicas especializadas.

Outro ponto a se destacar nesse período de expansão da universidade para o interior do Estado de São Paulo é a criação de agências de fomento a pesquisa e estímulo ao Ensino Superior. Podemos mencionar aqui a criação do SBPC (Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Pesquisa Científica) criado em 1948. Posteriormente ao surgimento do SBPC no ano de 1951 são criados simultaneamente a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). A criação de tais órgãos foi iniciativa do Governo Federal e

¹⁴ CORRÊA, Anna Maria Martínez. 1998; p.145-146.

tinham como objetivo apoiar e desenvolver a formação de alto nível e a pesquisa científica no país. No estado de São Paulo foi criado nesse mesmo período a FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) no ano de 1960. Com o presente panorama de apoio a ampliação das instituições universitárias em todo país será favorável a criação de canais de divulgação do trabalho acadêmico tornando assim fundamental a criação de periódicos destinados a difusão dos resultados parciais de trabalhos científicos.

A criação de periódicos departamentais dentro das instituições universitárias de ensino superior pode ser entendida como uma resposta eficaz às exigências impostas pela política de criação dos institutos isolados de ensino superior no estado de São Paulo levando em conta as exigências de um contexto socioeconômico, marcado pela racionalidade instrumental, que impunha para as instituições de ensino superior a responsabilidade de produzir os meios que permitissem conceber, coordenar e viabilizar ações mais racionalizadas, para a modernização da sociedade mediante a técnica e o saber fazer com base científica¹⁵.

Dentro dessas perspectivas apontadas acima e das discussões em torno da interiorização e expansão do ensino universitário no Brasil observa-se também a institucionalização e organização do trabalho dos historiadores no país. As publicações que se dedicaram a divulgação do trabalho dos historiadores nesse período e que são as fontes e objeto de nosso estudo estão inseridas no processo por nos discutidos no presente capítulo.

No próximo ponto discutiremos a organização da produção historiográfica brasileira nas décadas de 1960 e 1970 apontando para a sistemática organização dos historiadores em nível institucional com a criação da Associação dos Professores Universitários de História (Anphu), os primeiros Simpósios de História e o desenvolvimento da Pós-Graduação no Brasil. Para tanto buscamos nas Revistas Estudos Históricos e Anais de História as fontes que justifiquem esse processo inicial de institucionalização do trabalho dos historiadores no Brasil¹⁶.

¹⁵ - Em relação a criação e a vinculação de periódicos departamentais ler CASTRO, Rosane Michelli de. O Papel estratégico dos periódicos departamentais na organização das atividades acadêmico-científicas: O caso das revistas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. Tese de Doutorado – Marília 2005.

¹⁶- Idem

1.2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS ESTUDOS HISTÓRICOS E O CAMPO DA PRODUÇÃO HISTÓRICA.

Anteriormente buscamos discutir as questões referentes à expansão universitária para o interior do Estado de São Paulo ocorrida no final da década de 1950 e início da década de 1960 apontando para alguns desdobramentos, especialmente o que se refere a criação de periódicos que compunha um eficiente meio de divulgação do trabalho acadêmico.

Em relação a *A Institucionalização dos Estudos Históricos e o Campo da Produção Histórica*, procuramos apontar para as questões da institucionalização do trabalho dos historiadores e a forma de organização do trabalho dos mesmos.

Os anos 60 assinalaram um movimento de organização e enriquecimento do colégio de historiadores¹⁷. Com essa afirmação o professor José Roberto do Amaral Lapa abre o III capítulo de seu livro *História e Historiografia pós-64*. O autor afirma que até a década de 1960 a produção histórica se manteve dentro de uma tradição isolada, quebrada praticamente apenas pela circulação da *Revista de História*, (Publicação do Departamento de História da Universidade de São Paulo) que desempenhou o papel de divulgar os trabalhos desenvolvidos na Universidade de São Paulo. Segundo o próprio José Roberto do Amaral Lapa abrigava em suas páginas, com critérios bastante elásticos, a produção intelectual na área de História originada de outras universidades e de fora da universidade¹⁸.

A própria criação da *Revista de História* publicação do departamento de História da Universidade de São Paulo se enquadra dentro da perspectiva de institucionalização do saber histórico. Levando em conta que a *Revista de História* foi o primeiro periódico brasileiro a dedicar-se à história de maneira geral, publicando artigos, resenhas, conferências que abordavam os períodos: antigo, medieval, moderno e contemporâneo. Essa forma de abordar a História não existia anteriormente no país. Aos poucos a *Revista de História* se afirmou como um dos principais instrumentos de divulgação do trabalho dos historiadores brasileiro dando apoio e suporte, dentro de suas possibilidades, na medida em que a historiografia

¹⁷ - LAPA, José Roberto do Amaral. *História e historiografia: Brasil pós 64*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985. p.35

¹⁸ - Idem.

brasileira foi se profissionalizando e os textos publicados ganharam aceitação nacional e internacional.

Em relação a *Revista de História* e a sua contribuição para a historiografia brasileira voltaremos a mencionar no próximo capítulo desse trabalho.

Outro ponto a se destacar na organização e na institucionalização do trabalho dos historiadores é a criação no início da década de 1960 da Associação de Professores Universitários de História (Anpuh).

A criação da Anpuh foi um dos resultados do primeiro Simpósio realizado de 15 a 20 de outubro de 1961 na Faculdade de Filosofia de Marília, e se oficializou a criação de tal associação. Nesse simpósio realizado na cidade de Marília ocorreu uma primeira reunião dedicada ao ensino da História. Nessa ocasião, a atenção dos participantes orbitou em torno das questões referentes aos assuntos como: desdobramentos de disciplina, periodização da história, especialização, problemas de ordem profissional e didática, ciências auxiliares da história, história regional, o lugar das disciplinas pedagógicas no Curso de História, a reestruturação do currículo universitário e a pós-graduação. As propostas abordadas nessa primeira reunião convergiam com a idéia de organização e estruturação dos historiadores no início dos anos de 1960.

O professor José Roberto do Amaral Lapa que foi um dos participantes do Simpósio realizado em Marília aponta para a questão referente à determinação e recomendação que era tão evidente que as autoridades estaduais e federais aceitaram providenciado desde logo sua efetivação. Uma das resoluções destacadas por Lapa foi: *a separação do curso de Geografia e História*¹⁹ medida que já vinha sendo tomada antes da reunião de Marília por algumas Faculdades.

Durante a década de 1960, com a criação da Anpuh foram realizadas as reuniões docentes do curso de história, chamadas de Simpósios Nacionais, que objetivavam o dialogo entre os profissionais de história em torno dos problemas do ensino de história, apresentações de temas de pesquisa e fontes primárias.

Nos encontros realizados no decorrer da década de 1960 discutiu-se por exemplo: Em Curitiba, 1962 *A propriedade e o uso da terra*; em Franca, 1965, discutiu-se sobre *Artesanato, Manufatura e Indústria*. Em 1967, em Porto Alegre,

¹⁹ LAPA, J.A. A História em Questão. Historiografia brasileira Contemporânea. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1976. p.183

realizou-se o *IV Simpósio, sobre Colonização e Migração* e em 1969, em Campinas, o *V Simpósio, sobre Colonização e Migração*. Devemos lembrar aqui também que o congresso de 1964 que deveria ser realizado em Salvador, não ocorreu, em função do golpe militar ocorrido naquele ano. O professor Francisco José Falcon aponta que muitos professores baianos foram perseguidos e não houve condições mínimas para a realização de encontro²⁰.

Em suma a criação da Anpuh e a sua difusão colaboraram para a organização dos estudos históricos em nosso país.

Outra questão a ser destacada dentro do processo de organização e institucionalização do trabalho dos historiadores no país foi o processo de implementação dos cursos de pós-graduação no país. Em termos gerais o processo de implantação da pós-graduação se deu na década de 1940. E foi, pela primeira vez utilizado formalmente o termo “pós-graduação” no Artigo 71 do Estatuto da Universidade do Brasil. Na década de 1950 começaram a ser firmados acordos entre Estados Unidos e Brasil que implicavam uma série de convênios entre escolas e universidades norte-americanas e brasileiras por meio do intercâmbio de estudantes, pesquisadores e professores.

O grande impulso para os cursos de pós-graduação do Brasil só se deu na década de 1960. Já no início da década houve uma iniciativa importante na Universidade do Brasil na área de Ciências Físicas e Biológicas (seguindo o modelo das *graduate schools* norte-americanas), resultado de um convênio com a Fundação Ford, e outra na mesma universidade, na área de Engenharia, com a criação da Comissão Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia (COPPE).

É também do começo da década de 1960 a implantação do mestrado em Matemática da Universidade de Brasília, o doutorado do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, o mestrado e doutorado na Escola Superior de Agricultura de Viçosa, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, assim como os cursos de pós-graduação no ITA e na UnB.

Referindo-se aos estudos históricos e à pesquisa vinculada à universidade, deu-se primeiramente na Faculdade de Filosofia (USP), no entanto a

²⁰ - IN Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh/ organização de Raquel Glezer. SP: Contexto, 2011. 29.

pesquisa em história do Brasil começou a ser divulgada com mais afinco apenas na década de 1960 como afirma José Roberto do Amaral Lapa:

Entre as teses de doutoramento, livre-docência e cátedra, observamos que somente na década de 60 é que, por diferentes motivos, aparece um maior número de obras, pois até então se tinham elaborado apenas 5 teses, sendo que dessas uma fora redigida por um historiador que já havia construído sua obra principal fora da USP e outra por um educador, cujas preocupações não estavam voltadas pra a História propriamente dita²¹.

Para Falcon, a institucionalização do trabalho dos historiadores e afirmação dos cursos de pós-graduação provocou no decorrer da década de 1960 a busca de um discurso oficial distante de uma posição crítica. Essa posição teria a função de lançar no esquecimento tudo o que correu no período anterior no âmbito da produção historiográfica e do ensino de história no país²². Como todo discurso vencedor, o discurso da institucionalização omite suas próprias circunstâncias históricas em nome de um começo absoluto institucional e historiográfico.

A produção historiográfica universitária da década 1960 marcou o período de organização e maturação dos historiadores brasileiros. A comprovação de tal constatação esta relacionada com o surgimento de uma associação nacional dos professores de história, a ampliação dos cursos de pós-graduação, a criação das agencias de fomento a pesquisa, o aparecimento de novos meios de divulgação do trabalho científico as revistas, congressos, reuniões e a própria afirmação da universidade no âmbito nacional.

Buscamos aqui fazer alguns apontamentos em relação ao contexto e as discussões que ocorriam no âmbito da organização dos estudos históricos vinculados as instituições universitárias. A criação dos periódicos que são as fontes e o objeto de nosso estudo esta inserida dentro deste contexto que tentamos colocar nesse ponto de nosso trabalho.

²¹ - LAPA, José Roberto do Amaral. A história em questão. historiografia brasileira contemporânea. Petrópolis: Vozes, 1976. p.57

²² - IN Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh/ organização de Raquel Glezer. SP: Contexto, 2011. p.29.

1.3 A ORGANIZAÇÃO E A PROFISSIONALIZAÇÃO DOS ESTUDOS HISTÓRICOS

Se a década de 1960 foi fundamental para a profissionalização, organização e institucionalização do trabalho dos historiadores brasileiros ligados a instituições universitárias, o que não quer dizer que a produção historiográfica apareceu somente neste momento com o advento da universidade.

Na Europa e nos Estados Unidos, por exemplo, a história se estabeleceu como disciplina e profissão a partir da construção de uma base institucional e uma estrutura profissional. Ela deveria se diferenciar de disciplinas vizinhas mais antigas e, só então, poderia ser garantido o financiamento específico para o trabalho histórico e para a formação adequada das gerações de historiadores. Na Europa e nos Estados Unidos, tudo isso aconteceu em momentos diferentes ao longo do século XIX, e com graus diversificados de finalização e êxito. Não podemos deixar de lembrar que os historiadores e sua produção historiográfica durante esse período formativo concordavam substancialmente com o que constituía seu tema mais importante: a história política e o surgimento do Estado.

Na segunda metade do século XIX a disciplina história foi marcada pela organização e institucionalização do trabalho dos historiadores em grande parte da Europa, além da afirmação da própria história como instrumento de justificativa do Estado Nacional. Dentro de uma perspectiva de renovação, a história ciência passa pelo processo de alargamento de seu campo metodológico fazendo com que o documento submetido seja aparelho crítico para se estabelecer a verdade dos fatos. Essa condição em relação ao documento que passou a ser a principal matéria prima para os historiadores e está ligada também a consolidação do Estado nacional com sua expansão administrativa e suas fundações e jurisdições, bem como pelo desenvolvimento das sociedades. Com a organização da expansão administrativa, foi criado também os Arquivos, que ampliaram a engrenagem do Estado e se mostraram um eficiente instrumento de apoio para os historiadores.

Na França, por exemplo, Os Arquivos Nacionais foram criados em 1790 a partir do *Serviço de Arquivos da Assembleia Constituinte de 1789*²³. Os arquivos eram essencialmente o símbolo e a condição material da perenidade da nação.

²³ –CADIU, F. Como se faz a história: historiografia, métodos e pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p.

É característico deste período também o grande embate entre os historiadores, na França. Por exemplo, os monarquistas e republicanos cada qual se reunia em torno de revistas, no caso dos monarquistas franceses a concentração é feita em torno da *Revue des questions historiques*, revista composta de ultra – realistas, legitimistas²⁴. A favor da República moderada e anticlerical estava o grupo que se uniu em torno da *Revue Historique*, grupo homogêneo com aspirações políticas e científicas. Esse grupo estava mais próximo do poder na França e passou a dominar os meios acadêmicos a partir da segunda metade do século XIX. Segundo Dosse, os metódicos, como era denominado o grupo ligado a *Revue Historique*, contribuiu ativamente para o saber didático, para a reforma do ensino superior; seus membros ocupavam as cadeiras universitárias, dirigiam as grandes coleções de história, além de modelarem a história ensinada desde o curso primário. Todas as práticas e ações dos metódicos franceses visaram aglutinar o *Estado Nacional*, buscando reunir os franceses em torno da pátria, ou pelo menos, contribuiu para essa união. A *Revue Historique* que tinha como diretriz a modalidade de uma História Nacional comprova seu posicionamento em relação a prática da afirmação do Estado, como podemos notar nas palavras do G. Monod: *Os acontecimentos que mutilaram a unidade nacional, lentamente criada através dos séculos, nos obrigam despertar na alma da nação a consciência profunda da história*²⁵. Como se nota, o conhecimento histórico servia para legitimar o papel do Estado.

A grande diversificação que caracteriza o grupo da *Revue Historique* foi explicado por Guy Bourdè e Herve Martin no livro *As Escolas Históricas*. Os autores revelam a grande influência institucional do grupo da *Revue Historique* demonstrando a posição institucional dos seus principais colaboradores. *Dos cinquenta e três fundadores, trinta e um eram professores no Colégio de France, na Escola dos Altos Estudos, nas Faculdades de Letras – dezenove eram arquivistas e bibliotecários*²⁶. Dessa forma as diversificações institucionais foram muito bem aproveitadas pelo grupo *metódico* que ocupavam cargos estratégicos dentro das principais instituições francesas, esse domínio se estendeu durante toda a segunda metade do século XIX e início do século XX na França.

²⁴ –DOSSE, F. A história em migalhas: dos “Annales” à “Nova História” Trad. Dulce da Silva Ramos. SP: Campinas, SP: Editora; UNICAMP, 1992. p.38

²⁵ –Idem. p.100

²⁶ –BORDÉ, G, e MARTIN, H. *As Escolas Históricas*. Coleção Debates. Trad. Ana Rebeca. Portugal: Publicações Europa – América.1997. p. 155-156.

Diferente da França o processo de institucionalização nos Estados Unidos segundo Peter Lambert foi bastante rápido e completo e ocorreu na segunda metade do século XIX.²⁷ O mesmo autor também destaca que o ofício de historiador nos Estados Unidos ante a primeira metade do século XIX, como em outros países da Europa era território de amadores. Os historiadores eram religiosos, advogados, comerciantes e cavalheiros de posses, na sua maioria eram oriundos das elites da costa lesta²⁸. Peter Lambert salienta também que:

Nenhuma história era escrita por historiadores profissionais porque eles não existiam. Ainda em 1880, só havia 11 professores de história nos Estados Unidos; em 1895, o número chegou a 100. Em 1902, John Franklin Jameson, editor da *American historical review*, podia dizer, com alguma autoridade, que na época atual, a principal influência sobre os escritos históricos era exercida pela universidade e pelo professor universitário. Dos 34 autores que colaboraram com a *Narative and critical history of America*, Justin Winsor, publicada entre 1884 e 1889, apenas dois ocupavam cátedras em história (embora outros as ocupassem em outras disciplinas). Em contraste, entre os 24 colaboradores da série *American nation*, de Harper, publicada entre 1904 e 1907, 21 eram professores universitários e todos, menos dois, tinham realizado trabalhos de pós-graduação em história. Em outras palavras, as décadas finais do século XIX assistiram a uma mudança significativa no status e na posição social do historiador²⁹.

Observamos que tanto na Europa como nos Estados Unidos a produção historiográfica da segunda metade do século XIX tem uma estreita relação com a estruturação e o avanço da universidade. Em nosso país essa mudança ocorre como já discutimos acima, porém, em um momento bem posterior a segunda metade do século XIX. Porém essa institucionalização tardia não quer dizer que no Brasil não havia uma preocupação com a produção historiográfica. No entanto essa produção historiográfica estava vinculada aos Institutos Históricos e Geográficos durante o século XIX e a primeira metade do século XX. A função do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi o de reunir e coletar sistematicamente documentos como tarefa primordial no trabalho do historiador. Esta atitude corresponde a uma concepção corrente na época e que está no centro das atividades do IHGB, mas também do Arquivo Público e do Museu Nacional.

²⁷ - LAMBERT, Peter. História: interpretação ao ensino e à prática; tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Ed. Penso, 2011. p.39

²⁸ - Idem p.39.

²⁹ - Idem p.40

A similaridade entre o trabalho do historiador e aquele desempenhado pelos naturalistas reforçava a identidade entre documento e acontecimento. Assim, o documento era concebido como expressão irrefutável do ‘fato’, espelho da realidade e prova irredutível, uma vez que o ‘documento fala por si’. Esta ênfase na coleta de documentos denuncia a ambição centralizadora do Instituto Histórico Brasileiro. Se entre documento e acontecimento postulava-se a existência de uma correspondência quase que imediata, podemos entender a proposta do IHGB de reunir os documentos dispersos pelas províncias como uma tentativa de dominar o campo historiográfico nacional que se encontrava ainda em formação.

Posteriormente voltaremos a discutir o papel do IHGB na produção historiográfica brasileira no capítulo posterior onde tentaremos discutir e entender o papel dos periódicos dedicados a história. Para essa discussão, inicialmente vamos apontar a papel da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e a *A revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, periódicos que antecederam as publicações vinculadas a produção historiográfica de instituições universitárias que são os objetos e fontes do nosso trabalho. Em relação ao surgimento das revistas departamentais de história também buscaremos no próximo capítulo contextualizar o papel e o surgimento da *Revista de História* publicação do Departamento de História da Universidade de São Paulo que teve seu primeiro numero publicado no ano de 1950.

Ao trazermos as discussões em torno do início da organização e da profissionalização do trabalho historiográfico na Europa, nos Estados Unidos notamos o papel delegado as Revistas e a sua função estratégica. O papel das revistas de história não foi apenas o de divulgação do trabalho “científico” porem, constituem um elemento unificador bem delimitado. Ou seja, os pertencentes a determinada revista tem, ou deveriam ter, uma posição determinada deviriam defender essa posição.

No Brasil, porem a função das Revistas dedicadas a História seguiu muitas vezes o modelo Europeu e Americano principalmente no que se refere ao papel de fortalecer as instituições que representavam. No casa das Revistas vinculadas a departamentos de história a função principal desde sua fundação foi a de divulgar do trabalho de pesquisadores e intelectuais a elas vinculadas.

CAPÍTULO 2

HISTÓRIA EM REVISTA

A produção de periódicos dedicados a divulgação do trabalho dos historiadores não é recente. Os primeiros periódicos dedicados aos estudos históricos surgiram no final do século XIX na Europa, produzidos inicialmente na Inglaterra e França. Revistas como *Historische* 1865, *Revue Historique* 1876 e a *English Historical Review* 1886 são as precursoras deste meio de divulgação do trabalho intelectual. No caso da *English Historical Review*, concebida, em princípio, por James Bryce e J.R.Green sua criação foi frustrada segundo Aled Jones pela relutância da editora Macilla em correr o risco de financiar um empreendimento sem ter a garantia de retorno³⁰. A publicação de tais revistas buscava transmitir o conhecimento histórico para o especialista e para o “leitor em geral”. Em seu manifesto inicial a *English Historical Review* considerava que sua função era ser um meio para dar aos leitores um registro integral e crítico do que estava sendo realizado no campo da história nas universidades. Assim esse periódico colocava os historiadores de todo o país em contato entre si e com o que acontecia na Europa e permitia que os historiadores universitários comesçassem a se ver como uma comunidade histórica, e a história como um esforço coletivo.

Segundo nos informa Aled Jones em sua análise em relação a *English Historical Review*:

Gerava pouco dinheiro, remunerava de forma irrisória os colaboradores e nunca foi, em seus primeiros anos, uma concorrente séria às principais publicações literárias vitorianas. Embora Gladstone tenha se oferecido para escrever um artigo, com vistas a ampliar seu apelo, em 1889, a *English Historical Review* reconheceu sua natureza especial e reduziu sua tiragem de mil para 750 exemplares por edição. Depois de 1900, contudo, seus números foram aumentando aos poucos, até que recuperou sua circulação inicial na década de 1920. Acima de tudo, a intenção de Greighton de estimular, por meio da publicação, uma nova geração de historiadores, esta acontecendo. Em parte como resposta ao lugar que ela tinha conquistado dentro da nascente profissão de história na Inglaterra³¹.

³⁰ - JONES, Aled. IN. História: interpretação ao ensino e à prática; tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Ed. Penso, 2011. p.51

³¹ - Idem . p.52

O caso Inglês da *English Historical Review* é apenas um dos exemplos da importância que esse meio de divulgação do trabalho dos historiadores passou a desempenhar na segunda metade do século XIX.

Na França a *Revue Historique*, fundada 1876 por G.Monod e G.Fagneiz, que reuniu intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento tinha a intenção de promover e fornecer informações sobre a história, tanto nos países estrangeiros como na França. Entre os colaboradores da *Revue Historique* estão filósofos e historiadores como Duruy, Fustael de Coulanges e entre os jovens estão G. Monod, Lavisse, Bemont. A grande maioria dos fundadores da *Reveu Historique* foi professor no Colégio de França, na Escola dos Altos Estudos, nas Faculdades de Letras, o restante trabalhou em bibliotecas e Arquivos. *A revista de história diz-se neutra e imparcial, voltada à ciência positiva e fechada às teorias políticas e filosóficas.*³² Esse grupo que se reuniu em torno da *Revista de História* é denominado como “metódicos”, ou como “positivistas”. Os metódicos irão dominar os meios acadêmicos e a investigação histórica na França até os anos de 1940; e *inscrevem uma evolução mítica da coletividade francesa – sob a forma de uma galeria de heróis e de combates exemplares– na memória de gerações de estudantes*³³.

Na primeira metade do século XX, tem início na França os primeiros combates à História Metódica que predominou durante a segunda metade do século XIX e até o final da segunda guerra mundial em 1945 do século XX. Os combates contra os Historiadores Metódicos iniciaram a partir da Universidade de Estrasburgo, onde dois jovens professores de história Marc Bloch e Lucien Febvre, fundaram em 1929 uma revista *Annales d'histoire économique et sociale* que a consideravam um lugar de pesquisa e de combates, a revista, que mais tarde, em 1946 mudaria de nome para: *Annales: économie-société-civilisation* e em 1993 passa a chamar *Annales: Histoire et sciences sociales*. O primeiro número dos *Annales* foi publicado em 15 de janeiro de 1929 e tinha em seu núcleo editorial um composto de historiadores antigos e modernos, um geógrafo: Albert Demanglon, um sociólogo: Maurice Halbwaches, um economista: Charles Rist, um cientista político: André

³² –BORDÉ, G.; MARTIN, H. As escolas históricas. Trad. Ana Rebeca. Portugal: Publicações Europa – América.1997, p.100. Coleção Debates.

³³ –Idem. , p.97.

Siegriend.³⁴ Nos primeiros números da revista predominará, principalmente artigos referentes à economia.

A criação da Revista *Annales* em 1929, por Lucien Febvre e March Bloch é explicada muitas vezes como sendo uma reação dos historiadores a chamada história positivista, ou metódica, que dominou o estabelecimento universitário durante a segunda metade do século XIX na França. Porém, em uma análise mais minuciosa em relação ao surgimento e desenvolvimento do *movimento dos Annales*, usando aqui uma expressão de Jacques Revel. Revel nos atenta em relação ao programa dos *Annales*, *as declarações de intenção, que podem dar uma falsa imagem de continuidade sem problemas; em cinquenta anos, a tarefa atribuída ao historiador mudou e a intervenção dos Annales não é, evidentemente, alheia a essa evolução.*³⁵

A propósito da criação dos *Annales* em 1929 o professor José Carlos Reis em seu livro *Escolas dos Annales A inovação em História* aponta uma questão referente ao surgimento dessa revista. Ele defende a idéia de que a criação da Revista do *Annales* em 1929 foi uma reação ou uma resposta aos sociólogos Durkheimianos e Weberianos mais que uma reação a escola metódica. Segundo José Carlos Reis as transformações que ocorreram na passagem do século XIX ao XX, transformou toda a Europa realizando mudanças de perspectiva sobre a realidade social e histórica. Essas mudanças profundas na realidade social da Europa, especificamente da França, não foram observadas pelos historiadores, apesar do discurso cientificista, e por uma falsa compreensão do que seria uma “história científica”.

A Revista dos *Annales* surge numa época em que a “escola metódica” exalta a sua preocupação com a erudição, privilegiando a dimensão política - procurando dar grande ênfase ao acontecimento. “A corrente inovadora (*Annales*) despreza o acontecimento e insiste na “longa duração”; desvia a sua atenção da vida política para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva.”³⁶. Dessa forma, esforçavam-se em aproximar a história das outras ciências humanas.

³⁴ –BURKE, P. A Escolas dos *Annales* (1929 – 1989) “A Revolução Francesa da Historiografia”. Trad. Nilo Odália, 6ª reimpressão. SP: Editora da UNESP, 1997. p.33

³⁵ - Em relação ao programa dos *Annales* ler: Revel, Jacques. A invenção da Sociedade. Trad. Vanda Anastácia. Coleção: Memória e Sociedade. RJ: Editora Bertrand Brasil S.A. 1989. p.14

³⁶ –Idem.

Nesse contexto surge uma nova concepção de história - a *nouvelle histoire* - associada a chamada *École des Annales*, agrupada em torno da Revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*. De acordo com Peter Burke, a *nouvelle histoire* pode ser definida por uma via negativa, em outras palavras, defini-la em termos do que ela não é daquilo a que se opõe os seus estudiosos. “Os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas.”³⁷ Ou seja, a nova história não estuda épocas, mas estruturas particulares. Aqui reside o conceito de “História de Longa Duração”. Segundo Fernand Braudel, a história situa-se em três escalões: a superfície, uma história dos acontecimentos que se insere no tempo curto (concepção positivista); a meia encosta, uma história conjuntural, que segue um ritmo mais lento; em profundidade, uma história estrutural de longa duração, que coloca em causa os séculos. Nesse sentido, a *nouvelle histoire*, isto é, a história sob a influência das ciências sociais realizou uma revolução epistemológica quanto ao conceito de tempo histórico. Não obstante, a pesquisa histórica dentro do quadro do tempo longo, consiste em um esforço de superação do evento e de seus corolários: a história contínua, progressiva e irreversível da realização de uma consciência humana capaz de uma reflexão total.

Logo, o tempo histórico da chamada *nouvelle histoire* não pretendia ser uma cronologia do tempo natural e tão pouco um conhecimento da essência do espírito da sociedade³⁸.

Sob influência das ciências sociais, a história também sofreu uma mudança no campo das técnicas e dos métodos. Se antes a documentação era relativa ao evento e ao seu produtor, agora ela é relativa ao campo econômico-social: ela se torna massiva, serial e revela também o duradouro, a permanência e as estruturas sociais. “Os documentos se referem à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças, às suas diversas formas de vida social.”³⁹ Portanto, a nova história privilegia a documentação massiva e involuntária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Nesse sentido, os documentos são arqueológicos,

³⁷ –BURKE, Peter. (Org). A escrita da história : novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP 1992, p.12

³⁸ –A abordagem sobre o tempo histórico e o sentido filosófico da nova história, ver: Reis, José Carlos – História a Ciência no Tempo. Londrina, Eduel, 2009.

³⁹ –REIS, José Carlos. A escola Dos Annales. “A Inovação em História”. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 126

pictográficos, iconográficos, fotográficos, cinematográficos, numéricos, orais, enfim, de todo tipo. Todos os meios são tentados para vencer as lacunas e silêncios das fontes, mesmo, e não sem risco, são considerados como anti-objetivos.

O papel fundamental exercido pelas “revistas de história” na Europa no século XIX e XX serviu muitas vezes de modelo para o surgimento de periódicos tanto na Europa como em outras partes do mundo.

2.1 A HISTORIOGRAFIA NO BRASIL E A REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Nesse momento da pesquisa gostaríamos de realizar algumas considerações em relação à *Revista do Arquivo Municipal* (RAM) de São Paulo. Publicação lançada no ano de 1934. Ela esteve vinculada ao Arquivo Municipal de São Paulo hoje em dia transformado no Arquivo Histórico Municipal “Washington Luís”, em homenagem ao político e historiador que foi um dos principais incentivadores da criação dessa instituição.

Ao analisar a criação e a circulação da RAM observamos uma das primeiras tentativas de profissionalização do trabalho intelectual, com destaque para a área da História, visto que as relações interpessoais entre seus colaboradores ofereceram dados sobre a situação institucional da época, assim como as relações socioculturais e acadêmicas de seus colaboradores, poder público e instituições de pesquisa, ensino e produção cultural⁴⁰.

A pesquisadora Silene Claro, em sua tese de Doutorado defendida no Departamento de História da Universidade de São Paulo, com o título *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e na trajetória – 1934-1950)* a autora destaca que desde a criação a RAM esteve vinculada a diversos órgãos da municipalidade, demonstrando assim o indicativo de mudanças na estruturação administrativa ocorrido no município de São Paulo⁴¹.

De 1934 a 1975, segundo Silene Claro a RAM esteve vinculada a seis seções e departamentos diferentes. Em 1934 estava vinculada a *Diretoria do Protocolo e Arquivo da Prefeitura de São Paulo*, entre 1934 a 1935 ao *Departamento*

⁴⁰ - Sobre a discussão em relação aos colaboradores da RAM ler: CLARO, Silene Ferreira. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: Um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória – 1934-1950)* Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo 2008.

⁴¹ -Claro, Silene Ferreira, p. 14.

do *Expediente e do Pessoal da Prefeitura de São Paulo*, de 1935 a 1944 esteve sobre o vínculo do *Departamento de Cultura e Recreação*, de 1948 a 1975 ficou vinculada a *Secretaria de Educação e Cultura* e desde 1975 o vínculo institucional esta com a *Secretaria Municipal de Cultura*⁴².

A RAM iniciou suas publicações a partir do ano de 1934, atravessando décadas como um periódico irregular e a partir de maio de 2005.⁴³ foi substituído por um boletim eletrônico bimestral intitulado *Informativo Arquivo Histórico Municipal*.

Ao fazer referências a RAM que foi um uma publicação do Arquivo Municipal de São Paulo gostaríamos aqui de tecer alguns comentários sobre esse órgão municipal da cidade de São Paulo.

Criado como o objetivo de preservar os documentos da administração municipal o Arquivo Municipal de São Paulo foi criado no início do século XX. O surgimento do Arquivo Municipal de São Paulo foi marcado em seu início por muitas dificuldades, desde a falta de prédio ou sede própria, sendo esse problema sanado pela administração paulista de forma paliativa, com a compra de baús para armazenamento da documentação produzida⁴⁴.

A importância em destacar a criação, a publicação e a divulgação da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo em nosso trabalho pode ser justificada a partir da idéia de que tal publicação é um dos primeiros veículos de divulgação do trabalho intelectual principalmente na cidade de São Paulo.

Diferentemente das publicações das Revistas dos *Institutos Históricos e Geográficos* a RAM inovou em relação ao fato de que o grupo de intelectuais que se utilizaram da RAM para divulgar suas ideias ou pesquisas, sendo alguns desses intelectuais vinculados a instituições universitárias de ensino. Sendo alguns autores que irão publicar artigos, resenhas e documentos nas *Revistas Estudos Históricos e Anais de História*. Entre os autores está a professora *Alice Piffer Canabrava* que colaborou com uma publicação na RAM de número 45. Mesmo a RAM sendo um periódico de caráter variado no que se relaciona a vinculação institucional de seus autores e também do perfil dos mesmos. Revela a convivência dos polígrafos com os intelectuais profissionais ou em fase de profissionalização.

⁴² –Idem. p. 13

⁴³ –ISSN: 1981-0954. Disponível em:

<http://portalprefeitura.sp.gov.br/cultura/arquivohistorico/publicacoes/0002> (acessado em 04/07/2010).

⁴⁴ - NACIMENTO, Eduardo de Jesus Moares do. O Arquivo Histórico Municipal “Washington Luis”. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, v. 41, n. 191, jan. 1978, p 10-29.

Assim, os que apresentaram maior número de escritores são, em geral, produção do grupo de intelectuais que mantinham as tradições de escreverem vários temas, muitas vezes no mesmo trabalho. Revelando desta maneira a multiplicidade e variação de temas característica marcante da RAM.

Em relação ao quadro de colaboradores da RAM grande parte era constituída de funcionários públicos. Muitos vinculados ao quadro administrativos⁴⁵. Notamos que as paginas da RAM tornou-se um espaço, muitas vezes, institucional devido ao grande numero de colaboradores ligados a administração pública paulista. Porem, em seu estudo a Silene Claro afirma que esse caráter não é uma via de regra, pois ao analisar as biografias dos colaboradores permite o levantamento da hipótese de que através da RAM a constante profissionalização intelectual, com principal destaque para a área de História, tendo em vista que as relações interpessoais entre os colaboradores oferecem muitos dados sobre tal situação política institucional da época, assim como as relações culturais e acadêmicas dos colaboradores, poder público e institucional de pesquisa, ensino e produção cultural.⁴⁶

Dentro da questão relativa aos colaboradores da RAM é importante destacar a contribuição dada por esses colaboradores para a criação e consolidação de instituições de pesquisa e ensino nas quais ainda ocupam espaço na produção cultural do país. A pesquisadora Silene Claro aponta um grande destaque para o: *Serviço Nacional da Indústria – SENAI; os institutos de psicologia, serviço social e de higiene que foram gradativamente incorporados nas décadas seguintes, pela USP em suas diversas escolas e faculdades e por outras instituições de ensino superior*⁴⁷.

Observamos entre os colaboradores da RAM um numero muito grande e diversificado de intelectuais. A grande diversificação intelectual se comprova pela participação dos modernistas, psicólogos, psiquiatras, médicos higienistas, engenheiros, polígrafos, funcionários públicos, cada qual em sua função, tentando apontar resoluções para os problemas brasileiros.

⁴⁵ –Ao publicarem seus artigos na RAM muitos colaboradores já não mais pertenciam aos quadros administrativos, mas haviam passado por eles em algum momento de sua trajetória. Havia ainda o grupo de colaboradores que ocupavam posições na burocracia municipal a publicação de seus textos pela RAM. CLARO. Silene. p.15

⁴⁶ –Idem p. 15.

⁴⁷ –Idem p. 22.

Destacar o papel de uma publicação que colaborou de forma tão intensa na produção historiográfica brasileira é fundamental destacar que RAM foi um veículo de extrema importância para a produção historiográfica se via carente de meios de divulgação para o trabalho dos historiadores, sendo eles vinculados a instituições universitárias ou não.

2.2 A REVISTA DE HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

No editorial da edição número 125-126 da Revista de História José Carlos Sebe Bom Meihy indica os fatores que possibilitaram a Revista de História, publicação do *Departamento de História da Universidade de São Paulo*. Segundo o autor do editorial, a decisão de criar um periódico dedicado exclusivamente ao tema histórico dentro da Universidade de São Paulo surgiu no ano de 1937, sugerido pelo então professor Fernand Paul Braudel. No entanto, somente em 1950 o projeto da Revista de História pode ser realizado. O nome da revista foi sugerido pelo então professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo, Eurípides Simões de Paula, que anos atrás havia sido aluno e assistente do professor Fernand Braudel.

A presença de Braudel deixou profundas raízes na historiografia brasileira como afirma Jurandir Malerba, *apontando para o pioneirismo do programa de pós-graduação da Universidade de São Paulo e o seu papel de matriz que formou quase a totalidade dos historiadores brasileiros*⁴⁸. Desta forma não seria coincidência o fato de a história econômica e a história social constituírem as duas grandes linhas de pesquisa do programa de pós-graduação em história da USP, desde sua implementação.

Abriremos aqui um pequeno parêntese destacando a grande colaboração para a organização e institucionalização do trabalho do historiador que foi dada pelo Professor Eurípides Simões de Paula⁴⁹, que além da criação da

⁴⁸ - Malerba, Jurandir. A História na América Latina, ensaio de crítica Historiográfica 2009. p.6

⁴⁹ -O professor Eurípides Simões de Paula nasceu em São Paulo, em 15 de novembro de 1910. Foi aluno do Colégio São Bento de 1917 a 1925. Cursou o Ginásio do Estado de 1926 a 1930. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito, posteriormente incorporada à USP. Combateu na Revolução Constitucionalista de 1932, foi preso em ação, ficando confinado no presídio da Ilha das Flores. Entre 1934 e 1936, cursou a subseção de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Em 1937, foi contratado como assistente-adjunto da cadeira de História da Civilização da FFCL-USP e, em 1939, ocupou o cargo de professor adjunto da cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval. Em 1943, foi

Revista de História colaborou de forma direta com o surgimento do Centro de Apoio à Pesquisa Histórica (CAPH), enquanto instituto de pesquisa e documentação. A Sociedade de Estudos Históricos, o Instituto de Estudos Portugueses, a Associação Nacional dos Professores Universitários de História, o Centro de Documentação Histórica – futuramente, CAPH –, entre outros. A criação e a organização desses vários centros de documentação faziam parte de um projeto que previa a estrutura e sustentação além da divulgação científica através de encontros, simpósios e congressos e que muitos dos resumos eram acolhidos na Revista de História. Todo esse empenho na organização e sistematização do trabalho intelectual do Professor Eurípedes Simões de Paula tinha como objetivo central segundo Maria Cristina C. Wissenbach a educação e o ensino, para a qual todas as iniciativas mencionadas convergiam⁵⁰. A *Revista de História* foi criada pelo professor *Eurípedes Simões de Paula* e a denominava como um instrumento de divulgação de trabalhos históricos, não só de professores e assistentes, mas também de licenciados e alunos. Estava entre os objetivos iniciais da *Revista de História* a ideia de oferecer aos estudiosos a oportunidade de divulgação sistemática, e mais ou menos ampla, dos trabalhos e das pesquisas que o amor ao estudo e a dedicação ao magistério universitário propiciam e orientam⁵¹. Notamos que esse periódico foi constituído em espaço para a apresentação dos resultados de investigações muitas dela de fôlego.

Em relação aos colaboradores da *Revista de História* nota-se que desde os primeiros números desse periódico a participação de pesquisadores estrangeiros foi bastante intensa. Para José Carlos Sebe Bom Meihy a grande participação de estrangeiros nas páginas da *Revista de História* se deu devido ao contexto em que se encontrava a própria Universidade de São Paulo naquele momento em que havia uma virtual participação de pessoas “de fora”. Isto se

convocado para o serviço ativo do Exército como oficial da reserva. Apresentou-se e foi designado para o 6º Regimento de Infantaria em Caçapava-SP. Seguiu com o 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira – FEB que desembarcou em Nápoles. Fez a Campanha da Itália, como 1º tenente no Pelotão de Morteiros do 1º Batalhão de Petrechos Pesados. Retornando da guerra, em 1945, optou pela carreira universitária desligando-se do serviço ativo do Exército brasileiro. Em 1945, reassumiu a regência da sua cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval e, no ano seguinte, mediante concurso, foi nomeado para o cargo de professor catedrático da cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da FFCL-USP. Foi vice-diretor da Faculdade de 1947 a 1950, diretor de 1950 a 1954, chefe do Departamento de História de 1972 a 1974.

⁵⁰ –M.R. Zeron. Carlos Alberto e Wissenbach. Maria Cristina C. - Revista de História 160. 1º semestre de 2009, p. 09-14.

⁵¹ –In. ⁵¹ Revista de História, São Paulo, n. 125-126, p.5-6, ago-dez/91 a jan-jul/92

explicava também pelo caráter complementar com que os estrangeiros cumpriram, principalmente na fase de formação de pessoal tecnicamente preparado no Brasil.⁵²

A *Revista de História* foi o primeiro periódico brasileiro a dedicar-se à história de maneira geral, publicando artigos, resenhas, conferências que abordavam os períodos: antigo, medieval, moderno e contemporâneo. Essa forma de abordar a História não existia anteriormente nos periódicos dos Institutos Históricos e Geográficos, pois a preocupação dessas instituições e seus periódicos era a de produzir e divulgar estudos exclusivamente voltados aos temas nacionais. Aos poucos a *Revista de História* se afirmou como um dos principais instrumentos de divulgação do trabalho dos historiadores brasileiro dando apoio e suporte, dentro de suas possibilidades, na medida em que a historiografia brasileira foi se profissionalizando e os textos publicados ganharam aceitação nacional e internacional.

Desta forma vale destacar a grande contribuição dada por esse periódico para o amadurecimento da produção historiográfica brasileira que os objetivos dessa publicação foram alcançados, ultrapassando até os objetivos iniciais, influenciando a criação de novas publicações departamentais como *Estudos Históricos* e *Anais de História* são prova dessa influência histórica.

⁵² –Idem.

CAPÍTULO 3

A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: TEMAS E PROBLEMAS

3.1 PERCURSO DA HISTORIOGRÁFICA BRASILEIRA

Atualmente há um numero considerável de obras que analisam a produção historiográfica brasileira. Inicialmente esse tipo de análise teve como principal precursor Jose Honório Rodrigues que dedicou boa parte de suas análises ao estudo de historiadores como Varnhagen e Capistrano de Abreu, além de ter ele próprio ter escrito importantes obras sobre a historiografia brasileira. Entre essas obras podemos destacar *Teoria da História do Brasil* [1ªed., São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949; *Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949; *As Fontes da História do Brasil na Europa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950; *A pesquisa histórica no Brasil – Sua evolução e problemas atuais*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952; *Historiografia del Brasil: siglo XVI*. México, 1954; *Historiografia del Brasil: siglo XVII. México 1963*; *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965 e *Vida e História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. Essas obras são apenas algumas das contribuições de José Honório Rodrigues aos estudos que buscam analisar e compreender a nossa produção historiográfica, existem outros livros dedicados aos temas historiográficos, além de colaborações em livros coletivos, opúsculos, direção e prefácio de publicações oficiais entre outras obras.

As obras que se dedicam a análise de nossa historiografia estão tornando-se cada vez mais amplas e diversificadas. Assim, nesse ponto de nosso trabalho passamos a discutir algumas análises dedicada a nossa produção historiográfica brasileira no século XX. São elas: *A História Em Questão: Historiografia Brasileira Contemporânea*, *História e Historiografia Brasil Pós 64*. A outra obra escolhida para esse trabalho foi o livro: *Historiografia Luso – Brasileira Contemporânea* obra conjunta dos historiadores José Jobson de Arruda e José Manuel Tengarrinha.

Iniciaremos nossa análise pela obra do professor José Roberto do Amaral Lapa, *A história em Questão Editora Vozes 1976*.

O professor Lapa inicia dando a seguinte justificativa para a escrita dessa obra que para ele foi pensada a partir dos trabalhos do ensino e da pesquisa universitária:

A análise da Historiografia brasileira contemporânea, com que se abre o volume, é inédita. Começou a ser escrita em 1972, com o objetivo de atender um convite da historiadora portuguesa Virgínia Rau, para ser apresentada como relatório no VII Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, programado para aquele ano em Portugal⁵³.

Esta obra foi dividida em quatro partes. A primeira parte intitulada *Historiografia Brasileira Contemporânea* que consiste na análise da produção historiográfica brasileira. Inicialmente, o autor dá uma definição do termo historiografia ressaltando a importância de se compreender os usos e as práticas historiográficas pelos historiadores. Para essa reflexão em relação a historiografia, Lapa se apoia na teoria da história fundamentada por Benedetto Croce.

O amadurecimento dos estudos históricos e a evolução da historiografia brasileira têm início no Brasil a partir dos anos de 1930 com a criação das Instituições Universitárias e da grande contribuição das ciências sociais para a renovação da historiografia brasileira. Anteriormente, a produção historiográfica produzidas em Institutos Universitários e a escrita da história brasileira esteve vinculada principalmente ao IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) e seus congêneres espalhados por todo país. O principal instrumento de divulgação da história do IHGB foi a sua revista que teve seu primeiro número publicado em 1868. Posteriormente, há as publicações dos periódicos dos Institutos Históricos e Geográficos regionais, como o de São Paulo, que publicou sua revista em 1895. No mesmo ano foi publicado o primeiro número da revista do Museu Paulista e, em 1934, surgiu o primeiro número da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo.

O professor Francisco Falcon destaca também a importância do que ele chama de *Instituições Tradicionais* destacando ainda o papel da Biblioteca Nacional oriunda da transferência da antiga Biblioteca Real Portuguesa para o Brasil com a Corte de D. João, no início do século XIX. Destaca também a coleção de periódicos, a de cartografia, a de iconografia e a de manuscritos presentes nessa instituição. O autor também lembra que atualmente a Biblioteca vem publicando a

⁵³ –LAPA, José. Amaral. A História em Questão. Historiografia brasileira Contemporânea. – Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1976. p. 7

Revista de História, que reúne historiadores dos mais qualificados, escrevendo para um público mais amplo, não especializado.

Outra instituição que merece destaque é o Museu Histórico Nacional famoso pelas diversas coleções de peças ligadas à História do Brasil. Realizando seminários e colóquios, nacionais e internacionais, dinamizando a visita pública do seu acervo. Tendo atualmente, também uma publicação periódica a *Revista do Museu Histórico Nacional*.

Para Falcon ainda falta no país uma pesquisa sistemática sobre as chamada *Instituições Tradicionais*, cuja importância, é fundamental em termos de pesquisa, patrimônio e publicações de trabalhos de história em suas revistas ou coleções de livros e documentos⁵⁴.

Voltando para a obra do professor Lapa, fica claro na redação de *A História Em Questão* a preocupação do professor com os rumos que poderiam tomar a produção historiográfica nacional.

Antes, o que evidenciamos foi simplesmente a criação recente da Universidade brasileira e o fato de que caminhamos rapidamente para institucionalizar a pesquisa histórica em termos universitários, por imposições científicas que vão dos equipamentos sofisticados à integração das ciências do Homem que são exigidos do historiador em nossos dias. Para tanto a individualização e o autoditismo vão encontrando dificuldades insuperáveis para sobreviver⁵⁵.

Ainda na primeira parte, nos chama a atenção o destaque dado pelo autor em relação ao crescimento das publicações de periódicos dedicados a divulgação dos estudos históricos no Brasil. O autor destaca que no ano de 1963 no mesmo ano em foi criado o periódico *Estudos Históricos*, publicado pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Letras de Marília. *Estudos Históricos* foi o primeiro periódico publicado em uma instituição universitária do interior do Estado de São Paulo. No primeiro ano de existência, sua publicação foi semestral e nos anos posteriores passou a ser anual. No final da década de 1960, surgiu outra revista que seguiu as mesmas características da revista *Estudos Históricos*. Essa revista foi *Anais de História* que teve seu primeiro número publicado

⁵⁴ - FALCON, Francisco José Calazans. A Historiografia Fluminense a Partir dos Anos 1950/1960: Algumas Direções e Pesquisas. In Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh / organização de Raquel Glezer. São Paulo : Contexto, 2011. p.50-51.

⁵⁵ -Idem, p. 25.

em 1968-69. Essa revista foi publicada anualmente pelo Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

Antes da criação das Revistas *Estudos Históricos* e *Anais de História*, a *Revista de História* publicação do Departamento de História da Universidade de São Paulo, fundada no ano de 1950, foi o primeiro periódico produzido dentro de uma instituição universitária dedicada aos estudos históricos do Brasil.

Além do destaque dado em relação às revistas universitárias de história, o autor revela um panorama das principais tendências historiográficas do período analisado. Para essa análise, Lapa quantificou os dados de diferentes naturezas nos dois. Segundo o autor, maiores centros de pesquisa do país: São Paulo e Rio de Janeiro. A proposta do autor é de analisar o conjunto e a evolução temática das teses de doutoramento apresentadas, durante trinta anos, na Universidade de São Paulo⁵⁶. Na sua análise sobre as tendências historiográficas, o autor conclui que:

Pode-se, portanto, concluir, em face desses dados, que a resistência aos estudos do Brasil Republicano foi e é ainda bastante pronunciada, aparecendo só em 1969 a primeira tese sobre tema republicano, sendo que no ano seguinte nada tivemos nesse sentido, enquanto que em 1971 se apresentaram 3 teses – o índice mais alto – que viria a cair nos anos seguintes, respectivamente para 2 e 1 em 1972 e 1973⁵⁷.

Além dos temas e períodos mais abordados pelos historiadores em suas pesquisas, o autor elege um grupo seletivo de historiadores que ele denomina de primeira geração que melhor representam algumas das tendências da historiografia brasileira contemporânea. Os nomes escolhidos por Lapa são: José Honório Rodrigues, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Nelson Werneck Sobré. Para Lapa esses historiadores apresentam uma obra não convergente, embora alguns pontos comuns possam ser apontados ao longo de seus livros. Lapa ressalta também que as obras desses quatro autores, tomadas em conjunto, permite-nos ir da História Econômica (Caio Prado Junior) à História Social (Buarque de Holanda); da História Política (Honório Rodrigues) à História Cultural (Werneck Sobré).

⁵⁶ - Idem , p. 37

⁵⁷ - Idem p.37

Posterior a essa primeira geração de historiadores, Lapa toma como análise o que ele chama de segunda geração de historiadores brasileiros. Importante ressaltarmos que essa segunda geração sofre uma influência ainda maior em seus trabalhos da Institucionalização dos estudos históricos no Brasil. Fazem parte diretamente desse grupo de historiadores os seguintes nomes: Carlos Guilherme Mota, Fernando A. Novaes, Maria Luísa Marcílio Luís Lisanti e Katia Matoso.

Seguindo sua análise em relação ao trabalho do historiador, o professor Lapa considera fundamental o reconhecimento de certas obras que servem de modelo para vários motivos: a natureza das fontes aproveitadas, as técnicas de pesquisa, o método, a temática, o apuro da análise, as inovações que trouxeram exercendo com isso marcada influência sobre seus contemporâneos e os que vieram depois. Para o autor é suficiente lembrar alguns historiadores como Fernand Braudel, Paul Mantoux, Ernest Labrousse ou E. J. Hamilton esses com uma grande contribuição para a historiografia econômica, Marc Bloch para a História Social.

Outro tema que será destacado nessa obra do professor Lapa é o do desenvolvimento da historiografia estrangeira sobre o Brasil. Esses estudiosos de origem norte-americana que tiveram uma forte atuação principalmente nos anos de 1960 e que eram denominados *brazilianists*. Segundo o autor, as principais motivações para esse grupo de estudiosos norte-americanos atuarem eram devido a facilidades que encontravam através das bolsas de estudos que os garantiam viver no Brasil num padrão de vida superior ao comum dos historiadores brasileiros. Além dessas questões materiais atraentes para esses pesquisadores, outras causas levaram os norte-americanos a essa preferência pelos estudos históricos brasileiros. São outras causas desse *fenômeno brazilianists*:

A importância econômico-política do Brasil nesta parte do continente; O advento do regime comunista em Cuba, colocando em causa a hegemonia dos E.U.A. sobre o continente; A existência nos Estados Unidos de alguns centros de documentação bem informados sobre o Brasil; Formação de um mercado profissional universitário graças aos núcleos de estudos latino-americanos e Os rumos que tomavam o nacionalismo brasileiro na década de 1960⁵⁸.

⁵⁸ - Idem p.68.

Segundo Lapa na historiografia estrangeira sobre o Brasil, os Estados Unidos ocupam um lugar excepcional. Porém, outros países também tiveram um interesse na História Brasileira destacando a França, a Inglaterra, União Soviética, a Bélgica, a Alemanha e a Holanda.

No tópico *Historiadores Brasileiros* o autor procura demonstrar a precária condição da pesquisa histórica no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Para essa análise o professor Lapa retomara novamente os trabalhos de José Honório Rodrigues e especificamente o livro *A pesquisa Histórica no Brasil*.

Fica bem claro nessa análise as dificuldades encontradas pelos historiadores no que se refere a conservação e manutenção de fontes, documentos e obras de referências usadas na produção historiográfica. O autor também não deixa de ressaltar os avanços que nesse período estavam sendo realizados no sentido da criação de centro de documentação dando como exemplo desse esforço o Centro de Documentação Histórica da Universidade de São Paulo, que entre outras realizações procedeu à catalogação dos jornais do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Nos chama muita atenção na obra de José Roberto do Amaral Lapa e que tem grande relevância para nosso estudo se encontra no tópico intitulado *Para uma História da Historiografia Brasileira* onde o professor Lapa nos apresenta autores e trabalhos específicos que se dedicam ao tema da historiografia brasileira entre esses trabalhos podemos destacar a tese de doutoramento de Pedro de Alcântara Figueira intitulado *Historiografia Brasileira: 1900-1930 (Análise Crítica)* e o segundo exemplo, o artigo de Carlos Guilherme Mota, *Historiografia Brasileira Nos Últimos Quarenta Anos: Tentativa de Avaliação Crítica*. Os dois textos propõem um debate no qual desloca certos focos de análise em relação a autores e obras e sua significação no longo processo de produção do conhecimento histórico brasileiro.

Podemos concluir em relação a *Historiografia Brasileira Contemporânea: A História em Questão* que se trata de uma obra fundamental para o entendimento da produção historiográfica brasileira nas décadas de 1960 e 1970.

Na obra seguinte analisamos, de autoria do professor José Roberto do Amaral Lapa, o livro *História e Historiografia Brasil Pós 64*. O autor fez um breve balanço sobre o desenvolvimento da historiografia brasileira e das condições de trabalho dos historiadores no início da década de 80. Além de ressaltar os

progressos ocorridos em relação aos Estudos Históricos no âmbito quantitativo e qualitativo.

Ainda na introdução de *História e Historiografia: Brasil Pós 64*, Lapa deixa claro o objetivo de seu livro que é analisar a evolução dos estudos históricos, particularmente sobre o Brasil, gravitados pela Universidade e, portanto, praticados por historiadores que nela se profissionalizaram⁵⁹. Notamos na obra em questão que a análise do autor centra-se principalmente na produção historiográfica brasileira produzida em centros universitários.

Nos dois primeiros capítulos dessa obra intitulados *I – 1964: a História e os Historiadores* e *II – O querer, o saber e o fazer*. O professor Lapa discute a conjuntura e o engajamento do historiador brasileiro nos problemas relativos ao movimento de 1964 além da relação que corresponde, ou não, entre o movimento de 1964, dentro do processo histórico, e o pensamento produzido durante esse período.

Mesmo em um período de grandes dificuldades para os intelectuais e seus estudos o professor Lapa afirma que:

Apesar da atividade castradora do Estado ou até mesmo devido a ela, os que ficaram no país, e nele particularmente os que permaneceram na Universidade, souberam usar o pouco espaço de produção intelectual descompromissada do sectarismo ideológico e político. Não se deixou a peteca cair⁶⁰.

O autor defende ainda a ideia de que a abertura política permitiu que as condições de produção intelectual possibilitasse um avanço na pesquisa. A historiografia que precedeu período permite reconhecer o quanto cientificamente se avançou, apesar da falta de condição de trabalho e mesmo de sobrevivência da atividade acadêmica.

Nos capítulos posteriores: *III – A institucionalização do saber* e *IV – Projeções da Historiografia*, José Roberto do Amaral Lapa retoma as discussões em relação a produção historiográfica produzida dentro das Instituições Universitárias, e analisa o processo de organização dos historiadores e da divulgação da produção historiográfica nacional.

⁵⁹ –LAPA, José Carlos. *História e Historiografia: Brasil pós-64/* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos Brasileiros: v.87). p. 8.

⁶⁰ –Idem. p. 33)

Sobre a estrutura universitária brasileira o autor defende a institucionalização dos departamentos e o fim do regime de cátedras. Essas mudanças para o autor influenciou de forma positiva, pois estimulou a coletivização das responsabilidades, a racionalidade dos recursos e o trabalho em grupo.

Ainda nesse sentido o autor afirma que os anos de 1960 marcaram a montagem de uma infraestrutura organizatória, que inclusive viria contribuir para viabilizar a institucionalização geral que se seguiria até o final dos anos de 1970.

Outra questão fundamental nesse processo de renovação da produção e institucionalização da produção historiográfica brasileira ocorreu devido a criação da pós-graduação que arrogou a si a grande tarefa de ordenar em bases comuns e sob estímulos mais ou menos idênticos a produção do conhecimento científico que se fez através da Universidade.

O desdobramento do processo desencadeado com a criação dos cursos de pós-graduação no Brasil levou a reestruturação da associação dos profissionais de História. Dentro desta perspectiva, o autor destaca a ampliação de novos espaços alternativos para o debate entre os historiadores. Isso se dá com a multiplicação dos encontros de profissionais de história em todo Brasil.

Nesse sentido, Lapa destaca também o crescimento e a renovação do campo editorial e o surgimento de novos periódicos dedicados a divulgação dos estudos históricos.

vale registra que nestes últimos anos as perspectivas melhoraram bastante. Se entre 1976 e 1977 deixaram de circular as revistas Estudos Históricos (Marília SP), Anais de História (Assis SP) e a Revista de História (USP), as duas primeiras foram reunidas numa só – História – a partir de 1982, com periodicidade anual e mantida pela Universidade Estadual Paulista, através dos dois Departamentos de História que possui em Assis e Franca.⁶¹

No que diz respeito à divulgação do conhecimento histórico brasileiro em geral, o autor destaca também algumas iniciativas de editoras no sentido da publicação de coleções como a *História Popular*, da editora Global e *História, Texto e Consultar*, da Editora Brasiliense. O autor atribui esse crescimento editorial, graças a ampliação do público leitor no qual naturalmente destaca-se a faixa universitária.

⁶¹ –*Idem*. p. 45

Encerrando o debate sobre a ampliação e o desenvolvimento dos estudos históricos, Lapa retoma a discussão em torno dos autores que se dedicaram ao exame da historiografia brasileira destacando a ideia que ocorre no início da década de 80 do século XX um crescente interesse por esse tema tendo em vista a criação de cursos permanentes na graduação e na pós-graduação, frequência com que o tema é tratado em seminários e reuniões científicas.

Finalizando essa obra com o capítulo V – *Tendência*, o autor retoma novamente questões já discutidas na obra *A História em Questão Historiografia Brasileira Contemporânea*, analisadas anteriormente.

Vale lembrar que nessa retomada, sobre as tendências da historiografia brasileira, o autor propõem alguns questionamentos em relação a análise da historiografia. E a primeira questão é em que direção projeta-se o conhecimento histórico brasileiro? O que caracteriza esse conhecimento como ciência? Em que níveis se desenvolvem sua progressão? Os historiadores que o produzem estão vocacionalmente votados para que períodos políticos da História do Brasil?⁶². Esses questionamentos, segundo o autor, remetem para uma série de possíveis pesquisas, cujos resultados podem mostrar algumas tendências que marcaram o conhecimento histórico brasileiro e o seu processo de produção.

Para o exame e apuração das tendências historiográficas, o professor Lapa procurou examinar: 1. Área de especialização dentro do conhecimento histórico; 2. Período político da História do Brasil.

Os pontos que diferem o capítulo *Tendência* dessa obra e da já analisada por nos anteriormente são os relativos a metodologia usada pelo autor. No plano geral desse capítulo o autor repete os dados e a forma de análise usada na obra anterior *A História em Questão Historiografia Brasileira em Questão*.

Podemos concluir que tanto *A História em Questão Historiografia Brasileira em Questão* e *História e Historiografia Brasil Pós 64*. São obras fundamentais para o entendimento da produção e do desenvolvimento da historiografia brasileira e dos desdobramentos dos estudos históricos em nosso país.

José Jobson de Arruda e José Manuel Tengarrinha, *Historiografia Luso – Brasileira Contemporânea*.

⁶² –LAPA, José Carlos. *História e Historiografia: Brasil pós-64/* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos Brasileiros: v.87). p 57

O ensaio é uma reconstituição da historiografia brasileira a partir dos debates e controvérsias atuais dessa área de conhecimento. Abre o texto um capítulo conceitual, que define com bastante precisão o conceito de história e historiografia. Em seguida, buscam-se apreender a trajetória e as etapas dos estudos sobre a historiografia brasileira, desde os trabalhos de José Honório Rodrigues até o final da década de 1990. O exercício propriamente de história da história envolve os capítulos três, quatro e cinco, denominados a pré-história, o nascimento e a Vol. 13 Nº 1 - janeiro/abril de 2009 72 João Miguel Teixeira de Godoy consolidação da moderna produção histórica no Brasil. O ensaio termina com um balanço crítico da produção dos *brasilianistas* e da produção acadêmica dos últimos trinta anos no Brasil. Uma leitura atenta do ensaio revela os problemas recorrentes dos estudos de historiografia: a escolha das obras, a definição de suas etapas evolutivas e o viés analítico que se pretende adotar. As soluções apresentadas por Arruda sobre esses aspectos são interessantes, mas não estão isentas de problemas. Vejamos alguns pontos.

No capítulo inicial, o conceito de história é definido como um tipo de conhecimento que tem especificidades e que busca a compreensão de múltiplos aspectos do acontecer humana: “o das práticas dos sujeitos e suas significações e o da realidade objetiva”.⁶³ Nesse sentido, não há uma identificação estreita com um perfil profissional específico. Isso é relevante observar porque, no corpo do texto em que o autor reconstitui a trajetória da produção histórica no Brasil, a formação dos autores e do profissional do conhecimento adquire uma posição central nos esquemas de classificação e periodização da produção. Diz Arruda: “Encerrada a fase dos historiadores eruditos/autodidatas, era a vez dos profissionais do saber específico, pesquisadores e professores formados nos quadros universitários. Convivem ainda nesse período (1930-1970) pensadores do velho estilo, mas extremamente inventivos [...]”⁶⁴. Nesse sentido, a chamada “pré-história” da produção histórica articula-se com o profissional erudito/ autodidata; o período de “nascimento” com o convívio autodidata e universitário; o período de “consolidação” com o profissional universitário.

Outro aspecto que chama a atenção é o modo como resolve o problema dos chamados cronistas coloniais. Arruda não inclui esse elenco de obras

⁶³ –ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia Luso – Brasileira Contemporânea*. – Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 12

⁶⁴ –Idem. p. 41

no seu estudo. Na primeira etapa da historiografia brasileira Arruda não trata de historiografia e tampouco pertencente ao Brasil: “num largo espaço de tempo que vai do século XVI ao XIX, identificado à condição colonial do Brasil, praticamente não há obras de história que atendem aos requisitos mínimos para merecerem esta catalogação”⁶⁵

Do ponto de vista dos comentários e análises sobre as obras, há uma preocupação em estabelecer uma articulação com os processos mais abrangentes da vida social e política brasileira. Nesse aspecto, apesar da abrangência do período estudado e do caráter necessariamente introdutório das avaliações propostas, percebe-se uma preocupação em evitar reducionismos, enfatizando as correlações entre movimentos da sociedade e mudanças na esfera do pensamento e do trabalho intelectual.

O texto de Arruda desemboca num ensaio crítico sobre as tendências e as perspectivas da historiografia brasileira acadêmica nessa passagem do século XX para o XXI. O modo como vê esse momento condicionou de certa forma o capítulo anterior de reconstituição histórica, pois o cenário atual, tal como foi desenhado pelo autor, é marcado fundamentalmente por uma divisão e por um debate entre os historiadores profissionais. Cenário no qual se podem identificar dois grupos com concepções distintas, às vezes antagônicas, a respeito do que é o conhecimento histórico, sua função social e os procedimentos mediante os quais ele é produzido.

O fato é que a posição de Arruda informa diretamente os critérios a partir dos quais se deram a avaliação e a definição das etapas da historiografia brasileira. O nascimento da historiografia acadêmica aparece como um desdobramento das grandes Histórias e problemas da historiografia brasileira sínteses e propostas interpretativas de autores como Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, entre outros. Tais obras, apontado para possibilidades que são objeto de investigações de caráter mais monográfico e típicos da academia. Verticalizações que propõem reformulações que são muitas vezes das grandes sínteses. Na avaliação de Arruda, foi justamente esse tipo de articulação no trabalho acadêmico que teria sido abandonado, ou colocado sob suspeita por alguns historiadores da nova geração.

⁶⁵ –Idem. p. 17

Ainda dentro de uma perspectiva da análise da produção historiográfica brasileira e da produção da “historiografia geral” apontamos para alguns outros trabalhos de autores que buscam analisar diferentes períodos da produção historiográfica.

3.2 A PRODUÇÃO HISTORIOGRAFICA BRASILEIRA NAS DECADAS DE 1960 E 1970.

As décadas de 1960 e 1970 assinalam como um período de permanências e rupturas dentro da produção historiográfica brasileira. O período em questão também é marcado profundamente pela organização dos estudos históricos no país. Exemplos dessa organização foi criação dos primeiros cursos de pós-graduação e a criação da Associação de Professores Universitários de História (Anpuh). No qual surgiu no primeiro simpósio no ano de 1961 na cidade de Marília-SP.

A criação da APHU se deu 27 anos após a criação das Faculdades de Filosofia, a partir de 1934 essa constatação nos demonstra a grande dificuldade ocorrida no processo de afirmação dos estudos históricos no país. E mesmo com a criação da Anpuh não se conseguiu a regularidade desses encontros, nos dez primeiros anos de seu surgimento.

O professor José Roberto do Amaral afirma que:

A primeira reunião foi inteiramente dedicada ao ensino da História. Como tomada inicial de contato, depois de quase 30 anos de trabalho, valeu pelo volume de problemas docentes e de pesquisa trazidos à discussão, suscitando algumas soluções que inclusive logo foram colocadas em prática⁶⁶.

Fica claro nas palavras do professor José Roberto do Amaral Lapa a preocupação na organização dos estudos históricos nacionais e prova disso, são as deliberações que foram tomadas no primeiro encontro em 1961 em Marília. Foi decidido nessa reunião o desdobramento de disciplinas, tendo em vista que os cursos de História estavam atrelados ao curso de Geografia. Somaram-se 37 conclusões em forma de recomendações entre essas recomendações estava a da separação dos dois cursos de Geografia e História. O professor Lapa destaca

⁶⁶ –LAPA, José Carlos. História e Historiografia: Brasil pós-64/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos Brasileiros: v.87). p.37

também outros assuntos discutidos nessa primeira reunião da Anphu, como o desdobramento de disciplinas, periodização da História, especialização, problemas de ordem profissional e renovação temática com novas metodologias.

A análise da criação da Anphu nos revela que a década de 1960 pode ser compreendida como o período de montagem de uma infraestrutura no que se diz respeito à organização dos estudos históricos no Brasil. Porém é preciso avançar mais nessa perspectiva, mas certamente não podemos deixar de destacar a importância dos primeiros esforços feitos pelos profissionais de história para organizar e institucionalizar os estudos históricos vinculados à universidade brasileira.

Ainda sobre a institucionalização da produção histórica no Brasil, o historiador Jurandir Maleba levanta uma questão interessante em que aponta como fundamental para esse processo de institucionalização dos estudos históricos, os fatores externos ocorridos após a Segunda Guerra Mundial. Jurandir afirma que o Brasil desde o período entre guerras seria um território privilegiado com vínculo entre a corrente historiográfica francesa e a América Latina⁶⁷. O autor ainda ressalta que sem dúvida foi no Brasil que ocorreu a maior, mais variada e duradoura influência dos Annales.

Também surge nesse contexto mais um curso de história na Faculdade de Filosofia de Assis (SP) no ano de 1963, aparecendo ainda na década de 1960 a revista *Anais de História*. Tanto a revista de Marília quanto a de Assis, marcaram o início da produção historiográfica no interior paulista.

Em um artigo publicado no ano de 1999, no *livro Historiografia brasileira em debate: "olhares, recortes e tendências*, Eni de Mesquita Samara destaca o aumento da produção historiográfica nos últimos trinta anos, atribuindo esse aumento a ampliação dos cursos de Pós-Graduação e a criação de novas linhas de pesquisa⁶⁸. A autora ainda destaca que se soma a esse novo quadro da pesquisa histórica no Brasil, a incorporação de novas fontes ainda inéditas e pouco exploradas, além do interesse por parte de alguns historiadores em relação a uma releitura do passado brasileiro ocorrida na década de 1970.

As revistas especializadas de História desenvolvem análises em periódicos que se dedicam a divulgação do trabalho dos historiadores nas décadas

⁶⁷ –Malerba, Jurandir. *A História na América Latina*, ensaio de crítica Historiográfica 2009

⁶⁸ –Samara, Eni de Mesquita. *Historiografia brasileira em debate: "olhares, recortes e tendências*, p.7

de 1960 e 1970 formando então uma tendência em relação a inovação da historiografia brasileira. Porém, notamos que essas novas tendências, referindo-se aos periódicos analisados, demonstra uma tímida e gradual transformação na historiografia brasileira, principalmente a partir da segunda metade da década de 1970.

Eni Samara salienta que a produção historiográfica brasileira desde seus primórdios sempre tendia a uma análise do período colonial brasileiro, isso se deve importância da história da formação social brasileira. A autora, no entanto chama a atenção para a década de 1970, mais especificamente no ano de 1975 onde o tema colonial apareceria em último lugar no “ranking” das preferências de pesquisa⁶⁹. A autora indica ainda uma mudança nessa tendência que, segundo ela se justifica, pela proximidade com o ano 2000 e as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil.

Gostaríamos de destacar também, alguns outros trabalhos sobre a historiografia brasileira produzidos na segunda metade do século XX que colaboram para o entendimento de nossa produção historiográfica. É o caso, por exemplo, dos textos de Carlos Fico, Jurandir Malerba, Francisco Falcon, Raquel Glezer. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas.

No tópico seguinte gostaríamos de apontar para algumas questões em relação ao período denominado “Regime Militar”, destacando a influência que o regime causou na produção historiográfica, principalmente, aquela vinculada as instituições universitárias brasileiras.

3.3 REGIME MILITAR E HISTORIOGRAFIA UNIVERSITÁRIA

Procuramos nesse tópico discutir algumas questões relevantes a produção historiográfica brasileira no período denominado de *Regime Militar* que vai dos anos de 1964 a 1985. Cremos que é necessário colocar aqui algumas questões a respeito desse período e suas implicações no que se refere a influência do *regime* na produção dos estudos históricos no Brasil.

Nas páginas dos periódicos que analisamos não se nota de forma direta a influência do regime nessa produção. Mesmo com todo clima obscuro que povoava o país durante os anos incertos do regime militar brasileiro, com as

⁶⁹ –Mesquita Samara, Eni. *Historiografia brasileira em debate: “olhares, recortes e tendências*. p.8

perseguições, as aposentadorias compulsórias e todo terror que se abateu sobre nossos intelectuais podemos constatar avanços no que tange a produção historiográfica brasileira. José Roberto do Amaral Lapa discute essa questão em seu livro *História e Historiografia Brasileira Pós 64*.

Já na Introdução dessa obra Lapa faz um exame do *métier* dos historiadores durante os vinte anos em que o país foi assombrado pelo poder dos militares. Para o autor de *História e Historiografia Pós 64* o desempenho dos historiadores nesse período, desde os exilados no exterior, os que caíram para sempre e os que conseguiram dar a volta por cima, nenhum seguiu um caminho homogêneo e estável, na sua produção historiográfica, pelo contrário, houve os que consideravam sua tarefa terminada, mas houve os que rejuvenesceram o espírito crítico. No entanto ocorreu nesses anos um considerável progresso, quantitativo e qualitativo de nossa produção historiográfica⁷⁰.

Sobre o contexto do período denominado de Regime Militar e seus desdobramentos e truculência, a professora Emilia Viotti da Costa nos relata em *Conversas com historiadores brasileiros* a violência sofrida pelos alunos e professores na universidade de São Paulo (USP), “A repressão, entregue a instituição várias, o DOPS, a Polícia Federal, o Exército, a Marinha e a Aeronáutica, não parecia obedecer a lógica alguma. Pessoas comprometidas com organizações de esquerda eram presas juntamente com outras que não tinham comprometimento político algum”⁷¹. Esse relato pessoal da professora Emilia Viotti deixa transparecer de forma muito clara o ambiente tenso que predominava no meio universitário brasileiro durante o período mais duro da repressão militar no Brasil.

A comprovação da perseguição do regime militar e sua ação esquizofrênica contra os intelectuais são relatadas também pela professora Maria Yedda Leite Linhares a qual perguntada sobre os conflitos dentro e fora da universidade após a instituição do AI-5 ela responde sem titubear que nunca participou de nenhum partido político e muito menos era comunista. Como tantos outros intelectuais de oposição político partidária. Linhares sofreu três prisões após o AI-5 e foi aposentada compulsoriamente.

⁷⁰ –LAPA, José Carlos. *História e Historiografia: Brasil pós-64/* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos Brasileiros: v.87). p.7

⁷¹ –COSTA, Emilia.Viotti. in, *Conversas Com Historiadores Brasileiros*; Ed. 34, 2002. p.74.

Porém, mesmo dentro dessa atmosfera de insegurança e incertezas descrita por grande parte dos historiadores vinculados a instituições universitárias produção historiográfica brasileira não foi interrompida.

Para o professor José Jobson de Arruda a década de 1960 foi extremamente conturbada devido às ações dos militares em relação e seu controle. Os periódicos *Estudos Históricos e Anais de História* surgem dentro desse contexto e, portanto num período de incertezas da nossa história social e política, onde a repressão era a lógica do regime militar. No entanto, os profissionais responsáveis por essas publicações não mediram esforços para manter as revistas em circulação⁷².

Porem, ao tentar enxergar na produção historiográfica brasileira uma tomada de posição em relação o “Regime Milita” não notamos, pelo menos, nos dois periódicos analisados nesta pesquisa nem uma manifestação aberta em relação aos problemas enfrentados naquele momento específico.

Esse posicionamento segundo o professor José Roberto do Amaral Lapa foi consequência da atividade castradora do Estado restando para aqueles que permaneceram no país, e particularmente aqueles que permaneceram na Universidade, usar o espaço de que muitas vezes dispunham para prosseguir o seu combate pela produção intelectual descompromissada de sectarismo ideológico e político⁷³.

⁷² –Para o professor José Jobson de Arruda o período em que esteve vigente o regime militar no Brasil levou a um processo de acantonamento e exclusão ao que se refere aos nossos intelectuais. In ARRUDA, José Jobson. e TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia Luso – Brasileira Contemporânea*. – Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 22

⁷³ –Sobre a relação entre os Intelectuais e as ações do Estado nos anos de Regime Militar o professor José Roberto do Amaral Lapa faz um balanço no texto, *O querer, o saber e o fazer*. In ⁷³LAPA, José Carlos. *História e Historiografia: Brasil pós-64/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos Brasileiros: v.87)*

CAPÍTULO 4

ESTUDOS HISTÓRICOS E ANAIS DE HISTÓRIA

A criação tanto da *Revista Estudos Históricos* como a *Revista Anais de História* tiveram como objetivo principal a divulgação dos trabalhos de pesquisadores, não só de historiadores, mas também de todas as áreas das ciências humanas, como indica o editorial da *Revista Estudos Históricos* publicada no ano de 1963⁷⁴.

No trabalho de doutorado a pesquisadora Rosane Michelli de Castro⁷⁵ defende que as instituições de ensino superior tiveram que incorporar a prática acadêmico-científico dos intelectuais nas publicações especializadas por áreas de conhecimento.

A criação dos periódicos *Estudos Históricos* e *Anais de História* se enquadram dentro deste novo contexto onde os diretores das unidades estavam certos quanto à necessidade da incorporação desta “nova” prática, de publicação de periódicos especializados, e, sobretudo, quanto à necessidade de mobilização dos seus intelectuais para a incorporação de tal prática.⁷⁶

Nesse mesmo trabalho da pesquisadora Rosane Michelli de Castro ao analisar a ATA de reunião da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, em 1959, destacou o empenho por parte dos professores do departamento de história em relação à criação de uma revista departamental. O professor Lapa, docente integrante do departamento de História, insistiu para que fosse editada uma revista da Faculdade na qual haveria informações sobre os trabalhos dos professores e demais detalhes para maior divulgação do nome da Faculdade⁷⁷.

A partir do contexto descrito acima notamos que o momento era, na verdade, o de transferência, para o conjunto dos intelectuais da Faculdade, da

⁷⁴ *Estudos Históricos* é lançada com os mesmos propósitos que consubstanciaram o I Simpósio de História. Pretendemos, com a Revista, retomar o diálogo. Agora, já não restrito à problemática do ensino da História, mas ligado ao interesse e às implicações da nossa ciência, aos problemas das pesquisas, estudos e experiências de magistério.

Geralmente o estudioso da História no Brasil, não tem muitas oportunidades para comunicar o resultado de suas pesquisas, estudos e seu pensamento.

A nossa revista pretende suprir essa falta, fornecendo-lhe um veículo de expressão e um meio para a troca de experiências, para o intercâmbio de ideias e de recursos e para a circulação de informações.

⁷⁵ - O papel Estratégico dos Periódicos Departamentais na Organização das Atividades Acadêmico-Científicas: O caso das Revistas da Faculdade De Filosofia, Ciências e Letras de Marília – Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2005.

⁷⁶ - Idem – p. 68. (Rosane Michelli de Castro)

⁷⁷ - ATA da 8ª Reunião dos Professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1959, p. 13.

responsabilidade de revitalização dos modos de se praticar e colocar em evidência a administração, centralmente no que concernia a organização do trabalho acadêmico e a produção resultante dele.

Para os intelectuais vinculados aos institutos isolados de ensino superior do interior São Paulo, criados como parte de um projeto político do governo estadual a prática de publicações periódicas especializadas possibilitaria a oportunidade de oferecerem visibilidade de uma instituição de ensino superior de alto nível em cidades do interior paulista, distantes da capital do estado, consideradas, na época, centro de irradiação da cultura.

Dessa forma, a prática de publicações periódicas especializadas teria sido viabilizada não somente como um meio de disseminação do “saber” que produziam, mas ampla base científica, mas particularmente, como meio estratégico para a evocação de determinada visão de organização das atividades acadêmico-científicas, necessária à sua manutenção. Ou seja, à prática de publicações periódicas teriam sido atribuídas significações de suportes formais de comunicações da produção acadêmico-científica de um dado grupo de intelectuais.

Tanto a criação da revista *Estudos Históricos* em 1963, como a revista *Anais de História* em 1969 fez parte de um projeto no qual procura responder e justificar a criação dessas unidades de ensino superior localizadas no interior do Estado de São Paulo.

A revista *Estudos Históricos* iniciou suas publicações no ano de 1963, editada pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Letras de Marília, no edital de apresentação encontramos a afirmação de que a publicação de *Estudos Históricos* trazia os anseios compartilhados pelos professores universitários dos centros universitários e estabelecimentos isolados da época, [...] por dialogar, por renovar e buscar novos rumos⁷⁸ para o ensino superior de história no Brasil. Com esse discurso de renovação e ampliação dos canais de divulgação do labor dos historiadores foi que surgiu a *Revista Estudos Históricos*.

Nota-se nas páginas da revista *Estudos Históricos* a grande diversidade de pesquisadores que contribuíram com seus artigos, resenhas, críticas bibliográficas, documentos e comunicações de pesquisas.

⁷⁸ - *Estudos Históricos*, 1963 p. 7.

4.1 ESTUDOS HISTÓRICOS E SUAS SEÇÕES

Inaugurada em junho de 1963 a Revista *Estudos Históricos* inicia suas atividades propondo a disseminação da produção acadêmica anual.

Alguns aspectos da Revista *Estudos Históricos* foram mantidos em todo período em que esse periódico foi publicado. Cores, das capas, disposição do índice, apresentam-se com poucas alterações podem ser observadas durante os anos de publicação.

Os índices da Revista, quase sempre nas folhas finais das publicações, indicam que não se pensou em apropriar-se deles, como comumente ocorre, ou seja, para se criar um efeito de chamada para que o leitor, ao tomar contato com os temas informados logo no início das publicações, seja instigado a conhecer o material na sua íntegra.

Outro aspecto diz respeito às cores, no caso da Revista *Estudos Históricos* apenas duas variações no período de publicação dos dozes cadernos o branco e vermelho, cinza e vermelho.

Em relação as seções da Revista *Estudos Históricos* no primeiro número as seções estavam assim distribuídas: *Artigos* (p. 11 – 115), *Documentos* (p. 117-156) e a *Revista das Revistas* (185-195) a partir do segundo número aparece uma nova seção denominada *Noticiário*.

Na seção *Noticiário* eram divulgados as notícias de cunho informativo, como as Reuniões, Congressos, defesas de doutorado, Teses, Boletins, Estudos e outras publicações.

Nos quinze anos de existência a publicação da revista *Estudos Históricos* publicou cento e quatro (104) artigos, sessenta e seis (66) resenhas, sete (07) críticas bibliográficas, um (01) documento e uma (01) comunicação. Colaboraram nesses anos de existência (75) setenta e cinco autores.

No quadro abaixo estão relacionados todos os autores que publicaram nas paginas da revista *Estudos Históricos* desde sua criação no ano de 1963 até seu ultimo numero no ano de 1977.

O nome dos autores esta dispostos em ordem alfabética e por seção em que publicada, seguindo a seguinte ordem: artigos, resenhas, comentários bibliográficos, comunicações e documentos. Ao final do quadro temos o total de publicações em cada seção.

A partir desse quadro podemos observar a contribuição de cada autor observando o número de contribuições dada por cada um dos autores nas páginas da revista *Estudos Históricos*.

A confecção do quadro foi facilitador para a análise quantitativa das seções que aparecem na publicação da revista *Estudos Históricos*, ajudando na localização dos autores na quantidade de matéria publicada por cada um dos autores. A confecção desse quadro se deu logo no início de nossa pesquisa no momento de levantamento das fontes para análise do trabalho.

Quadro 1 –Quadro geral de autores que publicaram na revista Estudos Históricos 1963-1977.

Revista Estudos Históricos - Mai	Artigo	Resenh	Comt,Bibli	Comunicação	Documen	Total
Aiex, Anor	1	0	0	0	0	1
BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis	1	0	0	0	0	1
BEIRÃO, Maria Fernanda F.	0	1	0	0	0	1
BELLOTTO, Manoel Lelo	0	2	0	0	0	2
BRESCIANI, M. Stella M	0	1	0	0	0	1
BUCK, Dirceu	0	1	0	0	0	1
BUENO, Clodoaldo	5	3	0	0	1	9
BUESCU, Mircea	3	0	0	0	0	3
CABRERA, Héctor Germán Bruit	4	2	0	0	0	6
CAMARGO, José Francisco de	1	0	0	0	0	1
CARONE, Edgard	1	0	0	0	0	1
CARRATO, José Ferreira	2	0	0	0	0	2
CARVALHO, Daisy Ribeiro de	1	4	0	0	0	5
CASALECCHI, José Enio	0	0	1	0	0	1
CHACON, Vamoreh	1	0	0	0	0	1
CONSTANTINO, Maria Clara R. T	1	1	0	0	0	2
COUTO, Carlos	3	0	0	0	0	3
CUNHA, Rui Vieira da	2	0	0	0	0	2
DIAS, Manoel Nunes	1	0	0	0	0	1
DUPUIS, Jacques	1	0	0	0	0	1
FERRANTE, Vera Lúcia S.B	1	0	0	0	0	1
FISCHMANN, Jerome	1	0	0	0	0	1
CANDIA, Enrique de	5	0	0	0	0	5
GODECHOT, Jaques	1	0	0	0	0	1
CORBÁN, Samuel	1	0	0	0	0	1
GUIDUGLI, Odeibler S.	1	7	0	0	0	8
HOLANDA, Sérgio Buarque de	1	0	0	0	0	1
INGHAM, Fiora	0	1	0	0	0	1
KELLENBENZ, Hermann	1	0	0	0	0	1
KULA, Wiltold	1	0	0	0	0	1
LAGA, Carl	4	0	0	0	0	4
LANGE, Francisco Kurt	3	0	0	0	0	3
LAPA, José Roberto do Amaral	3	2	2	0	0	7
LEITE, Beatriz W. de Cerqueira	3	3	0	0	0	6
LEITE, Miriam L. Moreira	1	0	0	0	0	1
LIBERALLI, Carlos Henrique R.	1	0	0	0	0	1
LISANTI, Luis	1	6	0	0	0	7
MARCILIO, Maria Luiza	3	0	0	0	0	3
MATTOSO, Kátia M. Queiros	1	0	0	0	0	1
MOURO, Frédéric	2	0	0	0	0	2
MEHLMANN, D. João	1	0	0	0	0	1
MELLO, José Roberto de Almeida	5	10	3	0	0	15
MELO, Vilmo Guimarães	0	2	0	0	0	2
MONETA, Zelinda T. Galati	1	0	0	0	0	1
MORAES, Antonio Carlos de	0	1	0	0	0	1
MOTA, Giselda	1	0	0	0	0	1
NOVAIS, Fernando A	1	0	0	0	0	1
NUNES, Odilon	1	0	0	0	0	1
ODÁLIA, Nilo	3	0	0	0	0	3
PANTALEÃO, Olga	1	0	0	0	0	1
PATRICIO, Jaciro Campante	4	16	1	0	0	21
PAULA, E. Simões de	1	0	0	0	0	1
PIAZZA, Walter F.	0	0	0	1	0	1
PINHEIRO, Paulo Sergio de M. S.	0	1	0	0	0	1
PINSKY, Jaime	1	0	0	0	0	1
PINTO, Virgilio Noya	1	0	0	0	0	1
REIS, Arttur Cezar Ferreira	1	0	0	0	0	1
RODRIGUES, Leda Maria Pereira	1	0	0	0	0	1
RODRIGUES, José Carlos	1	0	0	0	0	1
ROMÃO, Niveldo	1	0	0	0	0	1
ROY, Gabriel	1	0	0	0	0	1
SANTOS, Corcino Medeiros dos	4	2	0	0	0	8
SCHMITT, Peter	1	0	0	0	0	1
SILVA, Daisy Piccinini da	1	0	0	0	0	1
SILVA, José Gentil da	1	0	0	0	0	1
SILVA, Olga MUSSI DA	1	0	0	0	0	1
STOLS, Eddy	1	0	0	0	0	1
TELAROLLI, Rodolpho	1	0	0	0	0	1
VALENTE, José Augusto Vaz	1	0	0	0	0	1
VELLA, Victor V.	1	0	0	0	0	1
WITTER, J. S.	1	0	0	0	0	1
WITTEMAN, Tibor	1	0	0	0	0	1
WRIGLEY, E. A	1	0	0	0	0	1
TOTAL	104	66	7	1	1	176

Fonte: Revista Estudos Históricos (1963 – 1977)

Quem mais publicou resenhas na revista *Estudos Históricos* foi Jaciro Campante Patrício. Das sessenta e seis resenhas publicadas nos quinze anos de existência da revista *Estudos Históricos*, dezesseis foram escritas por Jaciro Campante Patrício, além de um documento e quatro artigos. O tema mais abordado nas resenhas publicadas na *Revista Estudos Históricos* aparece o tema relacionado à História da América Latina. No total foram vinte e seis resenhas sobre esse tema. Outro tema que aparece em grande número em resenhas e notas bibliográficas está relacionado ao assunto sobre História da Idade Média, tendo sido publicadas dez resenhas e três notas sobre esse tema, sendo que todas foram escritas pelo então professor de História Medieval do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília Dr. José Roberto de Almeida Mello.

Dos cento e quatro artigos publicados na revista *Estudos Históricos* trinta e oito são referentes à História do Brasil, dez retrataram a História Econômica; dez é número de artigos que discutem a História da América e onze sobre Teoria e Metodologia em História, revelando uma forte preocupação sobre as reflexões do ofício de historiador no período em que esse periódico esteve em circulação.

A professora Eni de Mesquita Samara destaca que a pesquisa histórica no Brasil privilegiou primeiramente o período colonial brasileiro, pela sua importância para o entendimento da nossa História⁷⁹. Não podemos deixar de mencionar os trabalhos clássicos de Sérgio Buarque de Holanda como *Raízes do Brasil* e *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*; Caio Prado Junior e *Formação do Brasil Contemporâneo* e de Gilberto Freyre com *Casa Grande e Senzala* entre inúmeros outros que compõem a expressiva bibliografia do período colonial brasileiro.

Essa tendência da produção historiográfica que privilegia a história colonial brasileira pode ser confirmada por um número considerável de artigos publicados na revista *Estudos Históricos* até o ano de 1970 onde quase todos os seus números apareceram artigos referentes à história colonial brasileira. Confirmando dessa forma a tese da professora Eni Mesquita Samara que aponta para um decréscimo quantitativo em relação à história colonial a partir da década de 1970. Para chegar a essa afirmação em relação à mudança temática da produção historiográfica no início dos anos de 1970 a pesquisadora fez um levantamento do

⁷⁹ - SAMARA, Eni de Mesquita. In *Historiografia brasileira em debate: "olhares, recortes e tendências"* – São Paulo: Humanistas/ FFLCH/USP, 2002. p.08.

conteúdo de dois periódicos: a *Revista Brasileira de História* e a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*.

Na revista *Estudos Históricos* na década de 1960 destacamos os artigos que retratam o período colonial da história Brasileira primeiramente o professor Carl Larga que apresenta os seus resultados de trabalho em um artigo denominado: *O Engenho dos Erasmos em São Vicente, resultado de pesquisas em arquivos belgas* p. 13 – 43. v.1. Ano 1963. No numero seguinte, Francisco Kurt Lange publica: *Os compositores na Capitania Geral de Minas Gerais*. p. 33 – 112. v.3 e 4 ano 1965. A pesquisadora Beatriz Westen de Cerqueira publicou uma série de dois artigos um no ano de 1966 e outro no ano de 1967 sobre “*Um Estudo da Escravidão em Uberaba*” (1). p 7 – 58 v.5 Ano 1966 e *Um Estudo de Escravidão em Uberlândia* (2). p 9 – 66. v.6. Ano 1967. No ano de 1969 Luiz Lisonti e Maria Marcílio publicam o artigo *Estrutura Demográfica, Social e Econômica de Vila de Lages, 1798 – 1808*. p 9 – 52. v.8. Ano. 1969. E no ano de 1970 Luiz Lisanti apresenta o artigo intitulado: *Ação Governamental e Resposta do Setor Primário em Parnaíba: 1765*. p. 131 –133. Vol. 9. Ano 1970.

Essa inclinação para a análise de nossa história colonial é muitas vezes acompanhada pela análise quantitativa da história, uma tendência muito presente na produção dos historiadores brasileiros nas décadas de 1950 e 1960.

Tabela 1 – Artigos e documentos publicados por assuntos

Revista Estudos Históricos	Artigos	Documentos	Total
Art. Ref. Hist. Econômica	12	0	12
Art. Ref. Hist. América	10	0	10
Art. Ref. Met. e Teor.	12	1	12
Art. Ref. Hist.ór Ant. e Med.	06	0	12
Art. Ref. a Temas diversos	12	0	6

Fonte: Revista Estudos Históricos (1963 – 1977)

A década de 1960 segundo afirma François Dosse no Livro a História em Migalhas são os anos que predominaram na produção historiográfica mundial a análise da economia “A história é, nesse momento, mistura de demografia, de curvas econômicas e de análise das relações sociais”.⁸⁰ Essa forte influência que a economia exerceu nos Annales, pode ser observada nos periódicos

⁸⁰ –DOSSE, François. A história em migalhas: dos “Annales” à “Nova História” Trad. Dulce da Silva Ramos. SP: Campinas, SP: Editora; UNICAMP, 1992. p. 104

brasileiros. Exemplo são os artigos publicados na revista Estudos Históricos dedicados as questões econômicas, perdendo em quantidade apenas para os 36 artigos referentes à História do Brasil. Essa forte presença do econômico no discurso dos historiadores na década de 1960 pode ser justificada pelo que Jurandir Malerba chama de *irrupção do presente na história*, ou seja, o presente imediato atua e se manifesta com muita força na historiografia⁸¹.

Mesmo com a grande produção referente aos assuntos econômicos, não se pode afirmar, porém, que este periódico apresenta uma tendência predominante nos anos em que foi publicado e sim nos apresenta uma grande variedade e diversificação de temas abordados em suas páginas.

Podemos atribuir uma grande demanda da história econômica no período por nos analisado devido ao panorama em que se encontrava nossa produção historiográfica, Jurandir Malerba afirma, por exemplo, que a história econômica adquiriu muita força na década de 1960 e consagrando-se na década posterior e não somente no Brasil mais em toda América Latina⁸².

No entanto o que chamamos aqui de história econômica tem características bem específicas, ou seja, história quantitativa definida por Pierre Chainu como sendo em termos gerais ligada ao plano técnico e armada na ordem da estatística econômica dos grandes sistemas de contabilidade nacional.⁸³ Esse modelo de interpretação histórica teve grande destaque nos anos 1950 tomando conta de todas as áreas do conhecimento histórico. O fato histórico torna-se fenômeno repetido e comparável em um período de tempo dado como afirma José Carlos Reis⁸⁴ predomina na análise historiográfica principalmente na primeira metade da década de 1960.

A vertente quantitativa da história econômica e o seu grande sucesso são provenientes do prestígio de historiadores como Chaunu, Ladurie e Furet em alta nos anos 1960, juntamente com a história demográfica, esses modelos tiveram acolhimento na universidade brasileira, aparecendo historiadores que realizariam trabalhos dentro dessas perspectivas. Francisco José Calazans Falcon aponta que em relação à história quantitativa: *no Paraná, Salvador, São Paulo e Rio*

⁸¹ –MALERBA, Jurandir. A História da América Latina: ensaio de crítica historiográfica / Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. (Coleção FVG de bolso. Série História). p. 30

⁸² –Idem . p. 50.

⁸³ –CHAUNU, Pierre. A História como Ciência Social: A duração, o Espaço e o Homem na Época Moderna / Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1976. p. 86

⁸⁴ –REIS, José Carlos. Escola dos – a inovação em história – SP: Paz e terra, 2000. p.107.

de Janeiro em varias universidades, historiadores dedicaram trabalhos em história quantitativa⁸⁵. Uma justificativa aceitável em relação a aceitação do modelo quantitativo na universidade brasileira por um numero considerável de historiadores na década de 1960 pode ser explicada como uma via alternativa entre a teoria marxista da história e a história factual.

A história quantitativa revolucionava métodos e fontes, propunha a possibilidade de se produzir um conhecimento “científico”, isento de “ideologia”, oferecendo a muitos historiadores uma espécie de “terceira via”, entre a história factual, de tipo tradicional, e a história marxista⁸⁶.

A presença deste modelo historiográfico da história quantitativa tem, presença constante nas páginas tanto da *Revista Estudos Históricos*, quanto na *Revista Anais de História*.

No entanto não podemos reduzir ao plano apenas da divulgação pura e simples desses dois periódicos dedicados aos estudos históricos às páginas desse periódico em determinados momentos serviu também como um espaço de embate político. Prova desse embate pode ser vista, por exemplo, no Artigo de Nilo Odalia intitulado História econômica e desenvolvimento p.135-145 artigo que constitui numa crítica à afirmação acerca do conceito de história, do ex-ministro do Planejamento, Roberto de Oliveira Campos, de que “Os que não aprendem com a história estão condenados a repetir seus erros”. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1970, p.4).⁸⁷ Fica claro com exemplos como o do professor Nilo Odalia que o discurso científico estava cercado de embates teóricos e políticos.

4.2 INFLUÊNCIAS EXTERNAS E INTERNAS

Nos dois periódicos que analisamos, observa-se certa resistência em relação a novos modelos interpretativos da história, tendo em vista que estas décadas de 1960 e 1970 marcam o alargamento das interpretações históricas principalmente em países da Europa e nos Estados Unidos. Havia de certo modo uma recusa em relação à aceitação de novos modelos interpretativos, como assinala

⁸⁵ –FALCON, Francisco José Calazans. In Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh/ organização de Raquel Glezer. São Paulo: Contexto 2011. p.25

⁸⁶ –Idem. p. 25

⁸⁷ –ODALIA, Nilo. In Estudos Históricos n.9 1970. p.135.

Francisco Falcon (2004), ao analisar a historiografia brasileira nos anos de 1950 e 1960, A visão de história se revela prosaica pelo qual se concebia a história em um centro tão importante como a Faculdade Nacional de Filosofia, do Rio de Janeiro, que segundo o autor, o exercício da pesquisa praticamente inexistia. As mudanças desse período, década de 1950, ocorreram principalmente fora da “academia”⁸⁸, com as obras de autodidatas, sociólogos, juristas etc.

É indiscutível o sucesso que os *Annales* imprimiu nas décadas de 1960 e 1970, com a história da longa duração proveniente da chamada *segunda geração dos Annales*. Os *Annales* desse período designavam claramente a história a ser rejeitada e a que deveria ser feita: por um lado, a recusa da história política, factual, do tempo curto. Por outro lado, a história-problema de longa duração de F.Braudel, uma história global que serve de liame aos aspectos econômicos, sociais e culturais. No entanto é percebido que sua influência se afirma na prática entre os historiadores, principalmente no início da década de 1970. No entanto, o acolhimento da produção historiográfica francesa é observada bem antes dos anos de 1970, como indica Carlos Guilherme Mota, na obra *História e Contra – História perfis e contrapontos*, onde o autor observa que a presença dos franceses nos principais centros de cultura no Brasil e desde a vinda da família real em 1808⁸⁹. Porém, gostaríamos de enfatizar a influência francesa na nossa produção historiográfica brasileira no século XX. É preciso tomar os devidos cuidados, tendo em vista que uma análise mais sistemática ainda esta por ser feita em trabalho específico sobre a difusão, aceitação e apropriações totais ou parciais de teorias praticadas nos diferentes contextos dos séculos XX. Cabe aqui uma contextualização das duas décadas propostas em nosso trabalho que são as décadas de 1960 e 1970 fazendo algumas incursões nas décadas posteriores e anteriores.

Situando como ponto de partida nessa breve explanação sobre a influência dos *Annales* na produção historiográfica brasileira é preciso destacar o papel da missão francesa encarregada de organizar a Universidade de São Paulo nos anos de 1930, cabendo aqui a observação feita anteriormente em relação às incursões da missão em períodos anteriores e posteriores.

⁸⁸ –Idem. p.19

⁸⁹ –Mota, Carlos Guilherme. – Ecos da Historiografia francesa no Brasil: Apontamentos e desapontamentos. p.117.

O então desconhecido Fernand Paul Achille Braudel chegou ao porto de Santos em fevereiro de 1935, para substituir um professor francês, recentemente falecido. No Brasil F. Braudel ficaria nos anos de 1935 a 1937. Essa passagem marcou pessoas, deixou assistentes que se tornariam catedráticos influentes, fez conferências para os alunos na então recém criada Universidade de São Paulo. Para Paulo Miceli, na verdade, é mais correto afirmar que as influências dos *Annales* no Brasil ocorreram no sentido inverso, isso se daria devido ao fato de que Braudel jamais publicou um livro sobre o Brasil⁹⁰. Porém, essa inversão pode ser questionada principalmente se levarmos em conta o ponto em que o próprio Paulo Miceli levanta em seu texto sobre a estadia do professor Braudel no Brasil. Para Fernand Braudel, o ensino era uma das principais razões da produção do conhecimento histórico⁹¹ e que a formação de professores, abre-se aqui um espaço para refletirmos que essa preocupação do professor Braudel foi incorporada principalmente como preocupação posterior constatada anos depois no programa da *Revista Estudos Históricos*⁹².

A preocupação em relação à formação de professores pode ter sido disseminada no interior do Estado de São Paulo pelo principal discípulo brasileiro do professor F. Braudel, o então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília no ano de 1962 o professor Eurípedes Simões de Paulo.

4.3 O LUGAR DO HISTORIADOR

No Primeiro numero da *Revista Estudos Históricos* foram publicados exclusivamente textos de professores do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. Publicaram no primeiro numero da Revista Estudos Históricos no ano de 1963: Carl Laga, Professor de História Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, Olga Pantaleão – Professora de História Moderna e Contemporânea Faculdade de Filosofia, Ciências

⁹⁰ - Sobre História, Braudel e os Vagalumes. A Escola dos Annales e o Brasil (ou vice-versa) in- Historiografia brasileira em perspectiva 2007.

⁹¹ - Idem

⁹² - Entendendo ainda mais os nossos propósitos, queremos que a Revista sirva para manter o licenciado, entregue ao magistério de nível médio, informado do desenvolvimento e dos problemas recentes da ciência histórica, e ligado de certo modo à Faculdade que o informou e formou. A Revista pretende, inclusive, através de seções especializadas, manter pesquisadores e professores a par dos progressos da sua ciência, pondo ao seu alcance uma crítica conscienciosa à bibliografia mais recente, e um relacionamento dos recursos que se incorporam quase diariamente ao patrimônio cultural do país.

e Letras de Marília, Maria Clara Rezende T. Constantino, Professora de Teoria da História Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília e Uacury Ribeiro de Assis Bastos, Professor de História da América Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.

Para analisarmos as tendências de nossa historiografia recorreremos à forma de análise usada por José do Amaral Lapa, na obra *História e Historiografia Brasileira Pós 64*. Para o autor a ordem a ser examinada é: 1. Área de especialização dentro do conhecimento histórico; 2. Período político da História do Brasil.⁹³

O primeiro artigo publicado foi do professor Carl Laga, *Professor de História Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília*, intitulado *O Engenho dos Erasmos em São Vicente; Resultado de Pesquisas em Arquivos Belgas*. No primeiro artigo que inaugura a revista *Estudos Históricos* o professor C. Laga descreve a experiência de levantamentos de documentação em arquivos estrangeiros, além da publicação dos documentos que servissem a história de São Vicente.

A prática de publicação de documentos seriam recorrentes nas páginas da revista *Estudos Históricos* tanto que foi criada uma sessão denominada DOCUMENTOS para a divulgação de documentação. Essa sessão aparece desde o primeiro número da revista *Estudos Históricos*.

No segundo artigo do primeiro número de *Estudos Históricos* a pesquisadora Olga Pantaleão, *Professora de História Moderna e Contemporânea Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília* publicou o artigo *Um Navio Inglês no Brasil em 1581: A viagem do "Minion of London"*. O artigo de Olga discute algumas contradições em relação a vinda de um navio inglês para o Brasil em 1581, e para essa discussão a autora parte dos estudos de Capistrano de Abreu e Varnhagen. O que também nos chama a atenção nesse artigo é o seu apêndice que trás documentação usada pela pesquisadora na produção de sua pesquisa. Entre a documentação esta uma Lista das mercadorias pedidas por John Whithall⁹⁴, em uma carta de 26 de junho de 1578. Carta essa escrita em solo Inglês, por J. Whithall que pede recursos a Richard Staper que, segundo documentação levantada, foi um ativo

⁹³ –LAPA, José Carlos. *História e Historiografia: Brasil pós-64/* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos Brasileiros: v.87). p.57

⁹⁴ –Whithall, John. inglês residente em Santos que dirigiu uma correspondência a comerciantes de Londres, propondo o envio ao porto de São Vicente de uma embarcação com mercadorias por ele indicadas.

comerciante em Londres (p.34) Em troca dos recursos J.Whithall oferecia como mercadoria de retorno o açúcar branco, produto tão rentável no século XVII.

Outro ponto relevante em relação à utilização das fontes, tanto no primeiro artigo do professor Carl. Laga como no da professora Olga Pantaleão, é o apoio em uma documentação quantitativa⁹⁵. Este modelo teórico muito utilizado nos anos 1950 – 1960 e se estendeu por todas as áreas do conhecimento histórico, modelo e pratica ainda muito usado na década de 1970.

No segundo volume de Estudos Históricos os artigos apresentados são bem diversificados e homogêneos. Abre esse segundo numero com um artigo do Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Filosofia de Marília, Eurípedes Simões de Paula que apresenta um artigo sobre as Lendas das Amazonas e a América.

Também publicou nesse numero da revista Estudos Históricos o professor José Roberto do Amaral Lapa, artigo denominado *Memória Sobre a Nau Nossa Senhora da Caridade* onde o autor analisa a construção do navio Nossa Senhora da Caridade. Para esse estudo, Lapa se apoiou em documentações encontradas nos arquivos em Portugal, mais especificamente no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Essa prática era muito recorrente entre os pesquisadores desse período, principalmente os que estavam vinculados a instituições universitárias e pelo fato de grande parte da documentação, referente a história do Brasil colonial, encontrar-se em arquivos europeus.

Nos números 3-4, de 1965, o primeiro artigo que é intitulado *A história econômica e social na pesquisa e no ensino na Alemanha Ocidental* p.7-31, foi ressaltada a importância da criação de revistas especializadas e de instituições de História para o alargamento desse campo de conhecimento.

Nesta edição 3-4 da Revista *Estudos Históricos* foi publicado o artigo *A questão militar e a propaganda republicana* p. 195-234, de Leda Maria Pereira Rodrigues professora catedrática de História do Brasil da Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientiae*. Trata-se de um artigo que integrava uma série de outros sobre “os militares e a propaganda republicana”.

⁹⁵ –Entendemos como fontes quantitativas as fontes históricas que segundo Pierre Chaunu em termos gerais estão no plano técnico ligadas à generalização nos países industrializados. Para A.Suboul a História Quantitativa é a reconstrução cifrada do movimento dos índices econômicos fundamentais, a partir de séries homogêneas e contínuas. Suboul p. 9-23.

Com o artigo de Leda Maria Pereira Rodrigues, a Revista Estudos Históricos, por intermédio da seção “Artigos”, reforçava a sua opção pelo diálogo, também e, sobretudo com historiadores de outras instituições e centros acadêmicos. Sobre temas brasileiros.

Dessa maneira os Artigos publicados na Revista Estudos Históricos teriam também buscado evidenciar o mesmo espírito de inovação em torno dos estudos históricos, a nortear as atividades dos intelectuais do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, em consonância com os intelectuais de outros departamentos de história do país.

Na edição da Revista Estudos Históricos publicadas no ano de 1970 abriu a seção de artigos o professor José Roberto do Amaral Lapa com o seguinte artigo *A Dialética do Subdesenvolvimento na História do Brasil*. Lapa lembra que no início da década de 1960 o Departamento de História da Faculdade de Filosofia de Marília com apenas três anos de funcionamento, convocou uma reunião de âmbito nacional, para discutir os problemas relacionados ao ensino e os estudo da História, em nível superior, no Brasil. Porém no início dos anos de 1970 os historiadores deveriam se engajar na problemática atual da realidade brasileira⁹⁶. Segundo Lapa o estudo da realidade econômica social deveria ser estudada no ensino superior para poder formar professores e pesquisadores com preparo intelectual⁹⁷. No nono número de *Revista Estudos Históricos* trouxe como subtítulo “História e Desenvolvimento”, tema muito discutido na área da historia econômica nas universidades. Os artigos desse número estavam agrupados em torno da questão histórica do desenvolvimento industrial e social do Brasil.

O início dos anos de 1970 é visível as transformações em relação, tanto no que se refere a postura dos historiadores como no que diz respeito a

⁹⁶ –Lapa, José Roberto do A. Estudos Históricos, número 9, 1970.

⁹⁷ –No Brasil, o sistema de ensino, nos três níveis, no seu conteúdo e na didática da História, vem há muitos anos não contribuindo para essa conscientização do problema.

A História não tem servido, aos alunos, quase sempre, para integrá-los, sem distorções, na realidade nacional, em termos não unicamente de pretérito, mas e também de presente e até mesmo de futuro, como programação e perspectiva.

Livresca e academicamente formados, envoltos em erudição, engolfados pela massa factual, sem o embasamento teórico indispensável, perdem-se os professores numa história tipicamente subdesenvolvida, isto é, pouco empenha em sondagens mais profundas, em discussões mais esclarecedoras, em colocações mais coetâneas, num tratamento moderno, com recursos e instrumental mais preciosos, que nos ajudem a compreender a revolução brasileira em termos estruturais. Alias nesse sentido, quer-nos parecer que à atual tendência em definir-se a finalidade da Faculdade de Filosofia como exclusivamente de formação do professorado secundário, não deve seguir-se, necessariamente, na área que nos interessa, um total divórcio entre o ensino e a pesquisa, o que provocaria natural e crescente defasagem, comprometedora da formação do historiador brasileiro.

incorporação de novas práticas interpretativas da história. No entanto as antigas formas de interpretação não deixaram marcar sua presença na produção historiográfica brasileira.

A prova dessa nova postura pode ser entendida, por exemplo, no número (9) nove da Revista Estudos Históricos, que pela primeira e única vez trouxe em sua capa um subtítulo *História e Desenvolvimento* demonstrando uma temática pontual em relação às seções desta publicação.

Marcadamente na edição de número nove da Revista Estudos Históricos parece possível afirmar que na Faculdade de Ciências e Letras de Marília teria havido uma busca no sentido de se criar uma imagem de que o trabalho acadêmico e científico dos seus intelectuais não sofria qualquer tipo de limitação ideológica, desde que realizado com as máximas condições possíveis de equilíbrio moral, de competência e dedicação e empenho aos estudos históricos, à pesquisa e ao ensino.

4.4 A REVISTA ANAIS DE HISTÓRIA

Em junho de 1968-69 foi lançado o primeiro número da *Revista Anais de História* publicada pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, no edital da *Revista Anais de História*, o seguinte programa marca dessa forma o início das publicações desse periódico que será publicado até o ano de 1977 quando encerra suas atividades.

No edital do primeiro número da revista *Anais de História* estão presentes as justificativas pela qual foi criado o periódico *Anais de História*:

Destinada a divulgação de trabalhos de professores e alunos do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, essa revista empenha-se também na colaboração de trabalhos de áreas afins.

A colaboração é publicada na língua original, desde que escrita em português, espanhol, Francês, Inglês ou Alemão.

O Departamento de História reserva-se o direito de rever todos os artigos, no sentido de os unificar segundo critérios ortográficos, bibliográficos e tipográficos adotados.

A ordem e artigos e das resenhas atenderá sempre a conveniência de paginação e organização de cada número.

O recebimento de livros e revistas não obriga a notas especiais: apenas ao registro em seções próprias.

De toda colaboração far-se-á tiragem especial de 150 separatas, destinando-se 100 exemplares ao autor e 50 às permutas das bibliotecas da faculdade.

Correspondência referente a colaboração, permutas, assinatura ou compra deve ser dirigida à redação.

Distribuidora: “difusão europeia do livro”, rua marques de itú 79, São Paulo, Brasil⁹⁸.

O discurso apresentado no edital do primeiro número de *Anais de História* esta afinado com a proposta política da expansão universitária presente naquele momento.

Fábio Ruela em sua dissertação de mestrado aponta que a necessidade da criação de um primeiro periódico em Assis foi pela intervenção do professor Antônio Candido, que propôs que se cuidasse imediatamente do lançamento de uma Revista da Faculdade, que iniciaria o mais cedo possível a divulgação dos trabalhos de pesquisa dos Professores⁹⁹. O professor Antônio Candido acrescentou ainda que:

Eu me lembro da minha atuação, eu propus três coisas: ‘Eu proponho três atividades que me parecem fundamentais, primeiro fundar uma Revista. Essa Revista provavelmente sairá quatro vezes por ano, ou quanto for possível, para recolher a contribuição dos professores. Segunda coisa, estabelecer uma série de publicações, visando ao enriquecimento da bibliografia de Letras. Essa deve recolher trabalhos e ter preocupações didáticas, nós devemos nos encaminhar para fazer bons manuais, bons livros para o Ensino Superior de Letras’. Essa série também foi feita, ela publicou, sobretudo as teses, do Morejón, do Almeida Prado e do Vitor Ramos. E a terceira coisa, ‘eu proponho que se façam os chamados Colóquios em Assis, que de dois em dois anos, por exemplo, nós façamos Colóquios em Assis. Escolher um tema e fazer então reuniões com convites de colegas de todo o Brasil.’ Foram às três propostas que eu fiz. Dessas três propostas uma vingou inteiramente, que foi a Revista de Letras, e outra vingou parcialmente, que foi a série de publicações.¹⁰⁰

O plano de criação dos primeiros periódicos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis nas reuniões dos docentes ocorridos no ano de 1958 com a preocupação de divulgar o trabalho científico, isto é, ocorre a preocupação de construir e afirmar o conhecimento da nova faculdade e de divulgar

⁹⁸ - Anais de História. Edital volume 1, 1968/69.

⁹⁹ - OLIVEIRA, Fábio Ruela de, História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (1958-1964). Memória da formação de um Instituto Superior no interior paulista. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras, Assis/SP 2002.

¹⁰⁰ - CANDIDO, A. Antônio Candido de M. e Souza: depoimento [novembro de 2001].

no meio universitário, procurando uma relação mais concreta entre ensino e pesquisa.

A primeira publicação da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Assis foi o periódico **Revista de Letras**, publicada no ano de 1960; deste período também foram publicados uma coleção de Estudos e Ensaio; José Van Den Besselaar, **O Progressismo de Sêneca**. Assis, 1960; W.S. Jonas Spayer, **Problemas da Formação Humana**. Assis, 1960; Naief Sáfydy, **Folhas Caídas - Crítica e a Poesia**. Assis, 1960.

A Revista de Letras da FFCL de Assis surgida no ano de 1960 com o intuito de divulgar a produção intelectual da Faculdade. Publicando em suas páginas docentes da FFCL e outros autores relevantes para as Letras do país¹⁰¹.

A criação da Revista Anais de História no ano de 1968 foi um desdobramento do Departamento de História da FFCL de Assis que por sua vez teve a proposta de criação no ano de 1961 na oportunidade foi criado o Departamento de História da Cultura – que até então era uma disciplina auxiliar do Curso de Letras. Mais tarde, em 1962, esse departamento criou o Curso de História da FFCL de Assis. Na primeira turma que iniciou no ano letivo de 1963 matricularam-se 19 alunos. Segundo Fábio Ruela juntamente com o curso de história criado no ano de 1963 também era esperado o curso de Filosofia criado no ano de 1969 e extinto em 1976 como a criação da Universidade Estadual de Paulista (UNESP).

O processo de criação do curso de História da FFCL de Assis foi pensado inicialmente como parte de um Centro de Estudos Humanísticos que concentrariam cursos da área de ciências humanas¹⁰².

Referindo-se a criação do Curso de História o professor Virgílio Nóia Pinto, em uma entrevista dada a professora Tânia Regina de Luca relata que:]

Estava na Europa quando recebi o convite do professor José Ferreira Carrato, que fazia parte do grupo de Letras e Foi um dos impulsionadores da Criação do Departamento de História. Como eu estava trabalhando com o Fernand Braudel foi uma surpresa quando recebi a carta dele me convidando para fazer parte da equipe que implantaria o Departamento de História. Naquela época eu ainda tinha vínculo empregatício como o City Bank, de maneira que foi uma

¹⁰¹ – Em relação ao desenvolvimento e a difusão da Revista de Letras ver OLIVEIRA, Fábio Ruela de, História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (1958-1964). Memória da formação de um Instituto Superior no interior paulista. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras, Assis/SP 2002.

¹⁰² – PRADO, A. L. DE A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [2000]. CEDEM/UNESP-SP.

perspectiva agradável entrar realmente numa carreira de magistério. Eu tinha terminado a faculdade e ido para a França, porém, não possuía ainda nenhum vínculo com a profissão propriamente dita. Outro aspecto que me interessou foi que eu havia sido criado, em grande parte da minha infância, em Paraguaçu Paulista. Era encostada em Assis e foi uma espécie de retorno à infância. (...) Terminei minha pesquisa na Europa e praticamente voltei direto, como sempre digo: de Paris a Assis. Em 1963 eu já tinha mudado para Assis, já estava instalado e fazendo parte do estudo, do projeto de implantação do curso de História, que contava, inicialmente, com o professor José Ferreira Carrato, comigo e os professores Antônio Pinto de Carvalho e Leônidas Hegenberg, do ITA, que também se interessou pelo projeto. Nós formamos o núcleo inicial do departamento que correspondia à Antônio Pinto de Carvalho, com Filosofia da História, o Carrato com História do Brasil, que era a área de domínio dele, e eu com a História Antiga e Medieval. O Leônidas ficou com a pesquisa, acho que a disciplina era Introdução a Pesquisa. Desse curso ele tem um livro editado. (...) Fizemos o vestibular, tínhamos gente de várias cidades do entorno de Assis, além do pessoal de lá. Começamos realmente com muito esforço, muito prazer. (...) Até hoje o Departamento de História de Assis é um Departamento que tem peso. A coisa foi iniciada com muito empenho, conseguimos envolver aqueles alunos que tiveram desenvolvimento. Nós acompanhamos o desenvolvimento de pessoas que tinham sua formação no secundário do interior. (...) Hoje sei de vários que estão em postos importantes, além de terem prosseguido suas carreiras universitárias ou de professores do secundário. Da minha parte, trazia realmente uma bagagem muito atual, na medida em que tinha terminado um estágio na França, sobretudo com Fernand Braudel. Assim, pude transmitir, enquanto lecionei em Assis, metodologia e aspectos da História que estavam profundamente vinculado ao grupo do Anais. Pude desenvolver várias experiências que até hoje me são válidas. (...) Naquele período não se falava muito de uma história do cotidiano, mas já se fazia; muitas vezes, essa história do cotidiano era vista através de uma obra de literatura. Foram experimentos fundamentais e que eu trouxe depois, para a Universidade de São Paulo, a partir de 1965¹⁰³.

Podemos notar no depoimento do Prof. Virgílio a preocupação em demonstrar a atualidade e qualidade de sua formação atentando para as tendências vigentes no período em questão. Para isso Virgílio destaca a sua chegada e o estágio que havia feito na França sobre a orientação do historiador Fernand Braudel. O destaque dado a Braudel na passagem do depoimento do Prof. Virgílio reafirma a importância que e a influencia Fernand Braudel sobre uma grande parte dos historiadores brasileiros.

¹⁰³ – PINTO, V. N. Virgílio Nóia Pinto: depoimento [janeiro de 1992]. Entrevistadora: Tânia Regina de Luca. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

De forma estética tanto a *Revista Estudos Históricos* como a *Revista Anais de História* seguiam o modelo da Revista *Annales*. Ao compararmos essas revistas com a publicação francesa podemos apenas fazer tal comparação no nível estético tendo em vista que tanto *Estudos Históricos* e *Anais de História* se diferenciam em inúmeras questões. O programa da Revista Francesa deixa claro o combate à história factual e política praticada e que imperou até o início do século XX. Nas páginas das revistas *Estudos Históricos* e *Anais de História* o discurso inicial é o de agregar e divulgar o trabalho em ciências humanas. Mas a influência dos *Annales* é clara tanto na criação destes periódicos, como na produção historiográfica corrente no período em que esses dois periódicos circularam.

4.5 ANAIS DE HISTÓRIA E INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS HISTORIADORES

No primeiro numero da Revista *Anais de História* publicado em 1968/69 todos os artigos e resenhas foram feitas por professores do próprio departamento de História desta instituição. Já na nota de abertura fica claro o objetivo para qual esse periódico foi criado: “Destinada à divulgação de trabalhos de professores e alunos do departamento de história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, esta revista empenha-se também na colaboração de trabalhos de áreas afins” (Nota de abertura. Departamento de História 1969 *Anais de História* vol.1)

Ainda notamos nesse primeiro numero da revista *Anais de História* um tímido volume de artigos apenas cinco, situação que mudará no segundo numero da revista que data do ano de 1970 onde podemos observar um numero maior de artigos, resenhas e conta com a publicação de pesquisadores de outras instituições universitárias nacionais e estrangeiras.

Uma das seções que podemos destacar em nosso trabalho foi a DOCUMENTAÇÃO que aparece desde o primeiro numero da revista *Anais de História* publicada primeiramente por Vivaldo W. F. Daglione publicou o documento intitulado “Subsídios para o estudo da geografia e demografia históricas do nordeste brasileiro” documento encontrado no Arquivo Ultramarino Lisboa – Caixa de Pernambuco¹⁰⁴. A prática da publicação de documentos foi recorrente e são observadas tanto na revista *Anais de História* como na *Revista Estudos Históricos*.

¹⁰⁴ – n.º 65. *Anais de História* 1970 página 49.

Em relação aos documentos foram publicados um total de quatro documentos na revista *Anais de História* esses *Documentos* publicados nesta sessão, estão relacionados com a história do Brasil. A publicação dos *Documentos* caracterizou-se como um espaço para a publicação de materiais como fontes históricas, a fim de que fosse possível facilitar o acesso aos pesquisadores, sem o problema de tempo, o que, segundo Héctor H. Bruit, professor de História da América na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília em 1969, constituía em uma necessidade da historiografia da época.¹⁰⁵

A preferência dos intelectuais, tanto da revista *Anais de História* publicação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis quanto da *Revista Estudos Históricos* publicada pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília apontam que suas temáticas estavam voltadas muitas vezes para as questões brasileiras e revelam uma preocupação com a situação que o Brasil passava no período em que essas publicações tiveram em circulação.

Neste numero da revista *Anais de História* ainda a maioria dos artigos, resenha, documentos são de professores do próprio Departamento de História da F.F.C.L de Assis. Porém surgiram nomes como do professor Francisco Iglésias, Luis Lisanti e do historiador Albert Soboul – Professor da Universidade de Paris, (Sorbonne.) Albert Soboul que aparece como sendo o primeiro autor estrangeiro a colaborar com um artigo na revista *Anais de História*, o que demonstra uma aproximação e um dialogo com outras Instituições Universitárias tanto nacionais como estrangeiras. A publicação de artigos de pesquisadores estrangeiros pode ser explicada na forma de estratégia de afirmação e visibilidade para revista *Anais de História*.

O primeiro artigo em língua estrangeira aparece no segundo numero da revista *Anais de História* intitulado: *Quelques Aspects des Mouvements Paysans et Des Problèmes Agraires Du Brésil Du XVII e Siècle À 1961* artigo publicado por Luiz Lisanti.

No terceiro numero da revista *Anais de História* na sessão DOCUMENTO é publicado o seguinte documento “Introdução ao Estudo do Vocabulário Político Através dos autores da Devassa da Insurreição Pernambucana de 1817” os autores responsáveis por esse documento forma Arnaldo Contier,

¹⁰⁵ - Estudos Históricos , 1969, p. 177

Terezinha M. Oliveira e Luiz C. Ferreira ambos do departamento de historia da F.F.C. Assis.

Outra novidade encontrada neste numero foi o aparecimento da seção “Pesquisa em Andamento” e “Trabalho de aluno”. Essas sessões abrem um dialogo com trabalhos de pesquisa tanto de alunos de graduação e de pós-graduação. No entanto as sessões em questão não teve regularidade nos números posteriores da revista.

Neste numero da revista *Anais de História* fica claro o diálogo cada vez maior com outras instituições universitárias, prova disso, é que apenas um artigo o do professor Nilo Odalia, é do Departamento de História da FFCL de Assis. O mesmo não se observa em relação as resenhas onde a grande maioria dos textos são de professores do departamento de história da FFCL de Assis.

No 4º volume de *Anais História* foram publicados sete artigos, cinco resenhas e dez notas bibliográficas. Em relação aos artigos que foram publicados nesse volume da revista *Anais História* fica clara a diversidade dos temas. O primeiro artigo do 4º volume foi escrito pelo professor Akira Hayami da KEIO UNIVERSITY, JAPÃO. O artigo trás o titulo *Demografia e Economia no Japão Pré-Industrial* a publicação desse artigo demonstra a abertura que os periódicos de História tinham em relação as instituições e pesquisadores estrangeiros. O artigo em questão aborda os fatores de incremento da população japonesa na época Tokugawa, a flutuação populacional entre o século XVI ao século XVIII. O texto do professor A. Hayami se enquadra dentro de uma perspectiva de analise demográfica tradicional, que estuda os níveis de crescimento populacional do desenvolvimento econômico referentes a determinadas regiões japonesas.

O Segundo artigo do 4º volume da revista *Anais de História* é da professora Katia M. de Queirós Mattoso e tem o título, *A Propósito de Cartas de Alforria – Bahia 1779-1850*. A autora inicia o artigo contextualizando a pesquisa histórica referente a escravidão no Brasil, e de forma critica aponta que até aquele presente momento os estudos referentes a escravidão brasileira refletiam preocupações de cunho teórico-sociológico mais do que propriamente histórico.

A autora faz uma ressalva a obra da historiadora Emilia Viotti da Costa, *Da Senzala a Colônia*, que faz do problema da escravidão o centro de suas reflexões e de suas pesquisas numa perspectiva em que a autora faz uso de fontes

primárias até então pouco exploradas.¹⁰⁶ O artigo da professora Katia M. de Queirós aponta em direção ao acolhimento de novas perspectivas em relação a temas já abordados pela historiografia brasileira, como o exemplo da escravidão brasileira por ela discutido nesse artigo.

As renovações e inovações no campo historiográfico estão presentes no início da década de 1970 e podem ser comprovadas em artigos presentes da 4ª edição. O terceiro artigo desta edição, propõe refletir sobre a questão do conceito de partido na linguagem do século XVIII, o artigo de Milton José de Almeida e Arnaldo D. Contier, intitulado *O Campo Conceptual da Lexia "Partido" Através dos -1932)* analisam o campo da Lexia no jornal "O Observador Constitucional" e as implicações estruturais: econômicas, sociais, políticas-jurídicas e ideológicas. Os autores afirmam também que esse estudo é marcadamente sincrônico recorrendo à aplicação de "modernos" critérios da ciência linguística à análise de textos históricos¹⁰⁷.

Creio que esse artigo demonstra a aceitação, pelo menos, de novas análises interpretativas nas revistas de história naquele momento. Isso demonstra o campo inovador da Revista *Anais de História* no seu período de existência servindo como instrumento de divulgação de novas interpretações. Mas as novas interpretações conviviam com os modelos antigos e já consagrados no campo da interpretação histórica.

Na edição da revista vol.5 foi retomada a sessão DOCUMENTOS, com publicações: Do professor Enio Aloísio Fonda, – Professor Titular de Língua e Literatura Latina da FFCL de Assis. É retomada também a seção pesquisas em andamento e comunicações de pesquisa.

Foram publicadas as comunicações de pesquisa de Maria Luiza Marcílio, Professora titular de História Contemporânea da FFCL de Assis. Rubens Murillo Marques, Titular de Estatística, Matemática e Chefe do Departamento de Estatística e José Carlos Barreiro – Aluno do 4º ano de História da FFCL de Assis. Neste número foi inaugurado a seção DEBATES escrita por Héctor H. Bruit, Professor titular de História da América da FFCL de Marília.

As revistas *Estudos Históricos* e *Anais de História* estavam vinculadas à expansão do ensino superior público no interior de São Paulo bem

¹⁰⁶ – Idem – p.24. 1972.

¹⁰⁷ – M. J. de Almeida e A. D. Contier.

como os autores que publicaram seus artigos. Os autores muitas vezes eram professores universitários ou assistentes nas universidades brasileiras ou estrangeiras.

No total de 107 artigos publicados na revista Estudos Históricos todos são de autores vinculados a instituições universitárias o mesmo ocorre com a revista *Anais de História* que publicou em seus nove anos de existência 80 artigos escritos por profissionais ligados a instituições universitárias.

Quadro 2 – Temas Publicados Revista Estudos Históricos.

Temas	Resenhas	Crítica Bibliográfica	Total de Temas
História da América	24	1	25
História Medieval	10	3	13
História do Brasil	11	0	11
Metodologia e Teoria	5	0	5
Geografia	4	0	4
História de Portugal	2	1	3
Nazismo	3	0	3
Outros temas	6	0	6

Fonte: Revista Estudos Históricos (1963 a 1977)

Quadro 3 – Quadro de Resenhas e Notas Publicadas Revista Anais de História

Temas	Resenhas Bibliográficas	Nota Bibliográfica	Total: Temas
História do Brasil	14	17	31
História da América	3	4	7
Economia	5	10	15
Antropologia	0	9	9
Política	6	3	9
Teoria e Metodologia	4	2	6
Geografia	4	2	6
História Medieval	0	1	1
Ensino de História	1	0	1
Linguística	2	0	2
Educação	1	0	1

Fonte: Revista Anais de História (1968 a 1977)

Tanto a revista *Estudos Históricos* como a revista *Anais de História*, encerraram suas atividades no ano de 1977. Suas contribuições foram fundamentais para o avanço dos estudos históricos vinculados aos institutos universitários, não só do interior do Estado de São Paulo, mas do Brasil. Porém, mesmo com o fim destes dois periódicos, a produção historiográfica em Assis continuou em outras revistas do Departamento de História da Faculdade de Ciência e Letras de Assis, integrou-se a um projeto universitário do governo do Estado de São Paulo, a UNESP (Universidade Estadual Paulista) que retoma a publicação de periódicos de História, agora sob o nome de *Revista História*. Este periódico seguiu os caminhos tanto da *Revista Estudos Históricos* como da *Revista Anais de História*. Em nota explicativa a revista informou que:

“o primeiro número de *História*, em 1982, representa a continuidade do esforço de todos aqueles que colaboraram durante muitos anos com as revistas *Estudos Históricos* e *Anais de História*. Nota Explicativa¹⁰⁸. Em 1993 foi criado outro periódico Pós-História que veio somar-se a revista *História* para disseminar a produção historiográfica da UNESP vinculada ao Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade. Trata-se de um importante momento do Programa e a

¹⁰⁸ – *HISTÓRIA* nº1, 1982: 3

continuidade das publicações demonstrando o amadurecimento, tanto do corpo docente quanto dos intelectuais envolvidos em sua criação.

No quadro abaixo estão relacionados todos os autores que publicaram na Revista Anais de História. Os autores estão relacionados por ordem alfabética, além dos nomes dos autores esta relacionado no quadro a quantidade total de publicação de cada autor, divididas por sessão da revista primeiramente, artigos, resenhas, notas bibliográficas e documentos.

Tabela 2 – Anais de História 1968 / 1977.

Aut. Anais de História 1968/1977 v.1	Artigos	Res. Biblio	Nota Bibli	Document	Total
ALMEIDA, Milton José	0	2	0	0	2
ALVES, Paulo	0	0	2	0	2
ANDRADE, Manuel Correia de	1	0	0	0	1
ARRUDA, José Jobson de	1	0	0	0	1
BARREIRO, José Carlos	1	0	4	0	5
BELLOTTO, Heloisa Liberalli	1	1	5	0	7
BERNARDO, Antônio Carlos	4	0	8	0	12
BERNARDO, Maristela Veloso Campos	0	1	0	0	1
BRUIT, Héctor Hernán	2	0	0	0	2
BUENO, Clodoaldo	1	0	0	0	1
CHANU, Pierre	1	0	0	0	1
CONTIER, Arnaldo Daraya	2	4	2	1	9
CORRÊA, Anna Maria Martinez	1	2	1	0	4
COSTA, Emília Vioti da	1	0	0	0	1
CRESCO, Suelly Machado	1	0	0	0	1
DAGLIONE, Vivaldo W. F.	0	0	0	1	1
DEAN, Warren	2	0	0	0	2
DI CREDDO, Maria do Carmo Sampaio	1	1	1	0	3
DOERIG, J.A	1	0	0	0	1
DUPRAT, Régis	1	0	0	0	1
FERREIRA, Luis C.	0	0	0	1	1
FONDA, Erio Aloísio	0	0	0	1	1
FRAGOSO, Myriam Xavier	1	1	0	0	2
FRANÇA, Eduardo D' Oliveira	0	1	0	0	1
FRANCO JÚNIOR, Hilário	0	0	1	0	1
GALLI, Sidinei	2	0	0	0	2
GEBARA, Ademir	1	0	0	0	1
GIL, Benedito Miguel	2	0	0	0	2
GUIDUGLI, Odeibler S.	0	2	0	0	2
HAYAMI, Akira	1	0	0	0	1
IANNI, Octávio	1	0	0	0	1
IGLÉSIAS, Francisco	1	0	0	0	1
JOSEPH, Gilbert	1	0	0	0	1
KEINERT, Ruben Cesar	1	0	0	0	1
KLEIN, Hebert S.	2	0	0	0	2
LAPA, José Roberto do Amaral	0	1	0	0	1
LEFF, Nathaniel H.	1	0	0	0	1
LEITE, Glacyra Lazzari	2	0	2	0	4
LIMA, João Francisco Tidei	1	1	2	0	4
LISANTI, Luis	4	1	0	0	5
MANOEL, Ivan Aparecido	0	1	2	0	3
MARCILIO, Maria Luíza	5	8	10	0	23
MARQUES, Rubens Murillo	1	0	0	0	1
MARSON, Adalberto	0	2	0	0	2
MATTOSO, Dátia M. Queiroz	1	0	0	0	1
MELO, Jayro Gonçalves	2	1	0	0	3
MENDES, Claudinei Magno Magre	1	0	2	0	3
MOLINARI FILHO, Germano	0	0	1	0	1
MOTA, Jorge Cesar	1	0	0	0	1
MOTT, Luis R. B.	1	2	0	0	3
MÜLLER, Geraldo	1	0	0	0	1
NAZAR, Saidah Adela	1	0	0	0	1
OLÁLIA, Nilo	6	0	2	0	8
OLIVEIRA, Caetana M. Damasceno de	0	1	0	0	1
OLIVEIRA, Carlos Roberto	1	0	0	0	1
OLIVEIRA, Paulo de Salles	0	1	1	0	2
OLIVEIRA, Rivalmir Pitta	0	2	0	1	3
OLIVEIRA, Terezina Mendes de	1	0	0	0	1
PENÇO, Célia de Carvalho Ferreira	3	1	4	0	8
PHILLIPS, Carla Rahan	1	0	0	0	1
PINSKY, Jaime	1	0	0	0	1
RIBEIRO JUNIOR, José	2	2	1	2	7
ROY, Teresa M. Malatian	0	1	0	0	1
SÁNCHEZ ALBORNOZ, Nicolás	1	0	0	0	1
SCHWARTZ, Stuart B.	1	0	0	0	1
SILVA, José Gentil da	1	0	0	0	1
SILVA, Marisa Martins da	0	0	1	0	1
SILVA, Rogério Forastieri da	0	1	0	0	1
SIQUEIRA, Sonia A	1	0	0	0	1
SOBOUL, Albert	1	0	0	0	1
SOBRÓN, Lílíana	1	0	0	0	1
STOLS, Eddy	1	0	0	0	1
SUCCI, Jair	0	1	0	0	1
TOLEDO, Caio Navarro de	1	0	0	0	1
Total de Publicações	80	42	52	7	181

Fonte: Revistas Anais de História (1968-1977)

4.6 ANAIS DE HISTÓRIA E OS HISTORIADORES ESTRANGEIROS

Neste capítulo buscamos examinar algumas especificidades presentes nas páginas da Revista *Anais de História*, como a presença constante de colaboradores estrangeiros e de um grande número de intelectuais vinculados a instituições universitárias de todo o país. Outro aspecto peculiar à revista *Anais de História* são as seções intituladas “Pesquisa em Andamento” e “Trabalho de Aluno”. Essas seções surgiram no ano de 1971 no terceiro ano da publicação de revista *Anais de História* e demonstram certa abertura para os estudantes que iniciavam suas pesquisas, mesmo notando uma periodicidade irregular dessas seções, podemos observar com a criação destas duas seções o incentivo dado à pesquisa. Esta abertura, por exemplo, não existia nas duas outras revistas departamentais dedicadas a História, como a revista *História* lembra a participação de alunos e iniciantes na pesquisa não fosse vedada é certo, porém que em nenhum momento essas publicações não abriram espaço formalizado que se dedicavam a tal público.

Outro ponto a ser percebido na revista *Anais de História*, está ligado à participação de estrangeiros que contribuíram com um considerável número de publicações nas páginas desta revista. A participação de intelectuais estrangeiros aparece nas páginas da revista *Anais de História* a partir do segundo número no ano de 1970 e se manteve até no último número em 1977. Albert Soboul – Professor da Universidade de Paris, (Sorbonne) foi o primeiro colaborador estrangeiro a publicar nas páginas de *Anais de História*. A participação de autores europeus foi maior nos primeiros números da revista *Anais de História* a partir de 1970 até o ano de 1974 foi publicado quatro artigos de pesquisadores ligados a instituições universitárias da Europa, sendo (3) três de instituições Francesas e (1) um da Bélgica. Os pesquisadores franceses que tiveram publicações nas páginas de A.H foram: Albert Soboul – Professor da Universidade de Paris, (Sorbonne.) vol.2 *De Voltaire a Diderot ou “Qu’est-ce qu’un philosophe?”*¹⁰⁹ e Pierre Chaunu – diretor do Centro de Pesquisas de História Quantitativa de Caen. Vol.3. *História Econômica: Retrospectiva e Perspectiva*.¹¹⁰ Outro autor vinculado a uma instituição francesa no qual publicou um artigo na A.H foi José Gentil da Silva – Professor Titular de História Econômica da Faculté de Lettres et Sciences Humaines de l’Université de NICE

¹⁰⁹ - In Revista Estudos Históricos Volume2 , 1970.

¹¹⁰ - In Revista Estudos Históricos Vol. 3 , 1971. p. 9-35

(França) v.3 *De Lyon a Perpignan: Le Change, Les Arbitrages et La Fructification Du Capital à La Fin Du Moyen Age*¹¹¹. No quarto numero da revista *Anais de História* temos a participação de um pesquisador vinculado a uma instituição Universitária da Ásia o professor Akira Hayami – DEIO UNIVERSITY, Japão. v.4 – Demografia e Economia no Japão Pré-Industrial¹¹². No quinto volume da revista *Anais de História* observamos o último colaborador vinculado à instituição universitária da Europa Eddy Stols – Professor da Universidade de Louvain, Bélgica, Vol.5 que publicou na oportunidade um artigo intitulado *Os Mercadores Flamengos em Portugal e no Brasil antes das Conquistas Holandesas*¹¹³. Os volumes posteriores ao ano de 1973 tiveram uma forte presença de pesquisadores de instituições universitárias dos Estados Unidos somando um total de oito colaboradores as instituições representadas nas publicações de *Anais de História* são Universidade de Minnesota, Universidade de Yale, Universidade de North Caroline, Columbia University, New York University e Universidade de Minnessotta.

A presença dos pesquisadores das instituições dos Estados Unidos, em relação aos pesquisadores europeus, diferenciava principalmente na questão dos temas abordados por ambos. Notamos que os europeus apresentam temas de caráter teórico, metodológico como o caso de Pierre Chaunu e Eddy Stols no qual fica evidente em seus artigos a preocupação com as questões em torno da História Demográfica e Serial. Essa perspectiva de abordagem não é apresentada nos artigos dos pesquisadores vinculados a instituições universitárias estadunidenses. No grupo dos estadunidenses observamos uma maior preocupação em relação a temas relacionados diretamente com a história brasileira. Dos (9) nove artigos publicados por esses autores (5) cinco abordam a história do Brasil. Segundo o professor José Roberto do Amaral Lapa, a produção e o desenvolvimento da historiografia estrangeira deu-se ao *ros*h de historiadores norte americanos que desenvolveram temas brasileiros em suas teses de mestrado e doutoramento.¹¹⁴ A presença desses estudiosos estrangeiros, que abordavam a história brasileira se dava a facilidade que encontravam na obtenção de bolsas de estudo que permitiam viver no Brasil, num padrão de vida superior ao comum dos historiadores

¹¹¹ - Idem. p. 37-52.

¹¹² - In Revista *Anais de História*, vol.4, 1973 p.5-22.

¹¹³ - n Revista *Anais de História*, vol.5, 1974 p. 9-54

¹¹⁴ - Lapa – 1976, p.65.

brasileiros¹¹⁵. Essa tendência de nossa historiografia apontada por Lapa está presente nas páginas da revista *Anais de História*. Os historiadores estadunidenses que publicaram seus artigos nas páginas de *Anais de História* foram: Carla Rahn Phillips – v.7 “Ciudad Real no período dos Habsurgos: um estudo demográfico,” Gilbert M. Joseph – Universidade de North Caroline U.S.A v.9 “Anotações para uma nova história regional: Yucatán e a Revolução Mexicana. 1915-1940”; Herbert S. Klein – Professor do Departamento de História da Columbia University, USA. Vol.5 O tráfico de escravos Africanos para o Porto do Rio de Janeiro, 1825-1830. Nathaniel H. Leff e Herbert S. Klein - Professores do Department of Business e Professor do Department of History, ambos da Columbia University, EUA. V. O crescimento da População não europeia antes do início do desenvolvimento: o Brasil do século XIX; Stuart B. Schwartz – Professor do Departamento de História da Universidade de Minesotta EUA. v.6 A manutenção dos escravos no Brasil Colonial-Bahia, 1684-1745; Warren Dean – **Professor do Departamento de História da N.Yourk University (USA)**. v.8 e A Fábrica São Luiz de Itu: um estudo de arqueologia industrial Remessas de dinheiro dos imigrantes italianos do Brasil através de alguns documentos. (documento) Vol.6.

A presença de pesquisadores estadunidenses não teve início nas décadas de 1960 e 1970. José Honório Rodrigues salienta que já na década de 1940 havia uma preocupação com a história brasileira e da América Latina. O mesmo autor afirma que havia poucos conhecedores da história brasileira a *The Histánic American Review* fundada em (1918), se publicavam os primeiros ensaios dos especialistas em América Latina.¹¹⁶ Rodrigues aponta para a grande estruturação das Universidades Estadunidense relativas a história do Brasil e da América. Prova dessa estruturação era o oferecimento de cursos de estudos latino-americanos, antropologia, economia, geografia, política e história latino-americana. Na universidade de Colúmbia oferecia-se segundo J. Honório era oferecido aulas de história social e economia do Brasil, e também do México e da América Central. Dessa forma a América Latina era vista predominantemente como um bloco uniforme e único.

A grande participação de colaboradores estrangeiros demonstra o dialogo que esse periódico tinha em relação a produção historiográfica recorrente no

¹¹⁵ - idem – O professor Lapa aponta que a facilidade dos brazilianists em relação a obtenção de recursos oferecidos pelas instituições resultou uma expressiva soma de trouxe de história do Brasil.

¹¹⁶ – Rodrigues, José Honório. *História Combatente*. RJ, Nova Fronteira, 1982. p.54

período em que circulou. A participação de autores estrangeiros só não pode ser vista no número um da revista *Anais de História*.

CONCLUSÃO

A produção historiográfica brasileira vinculada às instituições universitárias, durante o período estudado, caracterizou-se pela organização e a institucionalização e profissionalização do trabalho dos historiadores.

No que se refere à produção historiográfica nacional não podemos afirmar de maneira geral que a produção historiográfica brasileira apresentada no círculo universitário e divulgada nas décadas de 1960 e 1970, por meio de publicações departamentais não assume um aspecto uniforme, apresentando características marcantes de tempos em tempos. Desta maneira observamos nos periódicos *Estudos Históricos* e *Anais de História* o constante deslocamento sofrido pela historiografia brasileira.

A década de 1960, por exemplo, foi fortemente marcada pela montagem e estruturação de uma infraestrutura organizatória, que inclusive viria constituir e viabilizar a institucionalização. Segundo o José Roberto do Amaral Lapa, nunca na nossa história, ocorreu um esforço sistemático e centralizador de envergadura, na produção e reprodução do conhecimento histórico, o que aliás acompanhou o sucedido em outras áreas científicas¹¹⁷.

Se a década de 1960 foi marcada e caracterizada pela estruturação dos estudos históricos, na década de 1970 vimos sob a legislação federal, a Pós-Graduação de História se estruturar em um quadro que provavelmente sofreu poucas alterações nesta década (1970). Foi exatamente nesse contexto da década de 1970 que a UNESP, através do remanejamento de cursos que vinha processando, criou dois núcleos, respectivamente em Assis e Franca, enquanto o de Marília foi extinto. A partir do processo de remanejamento dos cursos de história ocorridas no interior do Estado de São Paulo após a criação da Universidade Estadual Paulista e a extinção do curso de História de Marília e também o encerramento das atividades das *Revistas Estudos Históricos* e também da *Revista Anais de História*.

Constatamos também nesse trabalho que na década de 1970 a produção historiográfica brasileira acolheu como tendência principal a história social, com seus problemas, objetos, instrumental teórico, metodologia e técnicas próprias.

¹¹⁷ - LAPA, José Carlos. *História e Historiografia: Brasil pós-64*/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos Brasileiros: v.87) p. 38.

Jurandir Malerba aponta que essa tendência da produção historiográfica na década de 1970 ocorreu em toda a América Latina a exemplo do que aconteceu na Europa¹¹⁸. A presença da chamada história social pode ser observada nos dois periódicos departamentais analisados neste trabalho. A presença da chamada história cultural pode ser observada nas mais diversas seções dos periódicos *Estudos Históricos e Anais de História*, os artigos, resenhas, documentos relacionados a história social apareceram nas revistas analisadas nesse trabalho após os anos de 1970. Observando que a década de 1960 a tendência da produção historiográfica estava voltada ao chamado modelo de interpretação quantitativo.

O quantitativo na historiografia é uma corrente que marcou a produção historiográfica dos anos 1960 e 1970 em muitos países, em especial nos Estados Unidos (mas também na França), afetando o campo dos estudos históricos. Pode-se distinguir uma metodologia quantificadora aplicável a uma vasta área de estudos sócio-históricos, e não apenas ao âmbito próprio à historiografia, e um paradigma quantitativista da explicação do social, questão que apresenta implicações cognitivas muito mais fortes e abrangentes.

Por exemplo, a análise quantitativista iniciada primeiramente na história econômica, na qual é essencial até hoje, pelo menos desde os anos 1930. No panorama atual da historiografia, raros são os setores de investigação cujo horizonte seja a quantificação ou, mais ainda, o quantitativismo, mesmo no caso particular da história econômica.

A época clássica da historiografia quantitativa foi, sem dúvida, a dos anos 1960. Para ela, os historiadores científicos aplicam ao estudo da história métodos quantitativos e modelos de comportamento elaborados pelas ciências sociais.

Ainda em relação a década de 1960 o professor Ciro Flamarion Cardoso ressalta a importância da chamada história social (ou história econômico-social) principalmente em países como França e Inglaterra, e era influente em outros países, embora o que se chamava de “história tradicional” continuasse a predominar quantitativamente¹¹⁹. O que é chamado de história social pelo professor Ciro Flamarion Cardoso confirmam as tendências apresentadas nas publicações dos periódicos estudados neste trabalho e a historiografia presente na produção

¹¹⁸ - MALERBA, Jurandir. *A História da América Latina: ensaio de crítica historiográfica* / Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. (Coleção FVG de bolso. Série História). p. 66

¹¹⁹ - CARDOSO, Ciro Flamarion. In: *Novos domínios da história* – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.14.

universitária brasileira do período. Apontando para diversas modalidades de interpretação historiográfica, como a tendência dos *Annales* e diversas correntes marxistas ou próximas do marxismo. Desta forma para Ciro Flamarion a historiografia produzida na década de 1960 caracterizou-se diminuição da concentração política e nas instituições como objetos de estudo pela uma grande preferência por temáticas econômicas, sociais e demográficas¹²⁰. A constatação de tais tendências pelo professor Ciro Flamarion Cardoso confirma nossa análise em relação a produção historiográfica brasileira na década de 1960 onde observamos a presença de uma interpretação a partir dos movimentos sociais, mobilidade social e demografia.

Em nossa análise este último modelo de interpretação da história se faz presente e dominante durante toda a década de 1960 principalmente nos primeiros números da *Revista Estudos Históricos*. A presença desse modelo na produção historiográfica da década de 1960 é justificada como sendo uma via alternativa para a interpretação da história marxista e de um modelo de história “conservador” ou tradicional.

O modelo quantitativo que marcou de forma acentuada a produção historiográfica da década de 1970 não deixou de ser usado nas décadas posteriores. Porém a sua força diminuiu de maneira vertiginosa nas décadas de 1970 e 1980.

Ao final dos anos 1970, tornaram cada vez mais evidentes sinais de esgotamento dos três grandes modelos historiográficos predominantes no período subsequente à segunda guerra mundial. A busca de novas formas de representação nas ciências sociais tem início nessa quadra de 1970. A crise já vinha aparecendo em algumas ciências sociais vizinhas, a começar pela antropologia. Não é de estranhar, portanto, que a influência dessa mudança na antropologia tenha influenciado alguns intentos inovadores na historiografia.

O inegável progresso historiográfico alcançado no período de 1940 a 1970 levou afinal a disciplina a um grau de desenvolvimento irreversível, mas dando sinais de saturação. O abandono das fórmulas historiográficas mais influentes nos anos 1960 não foi seguido do aparecimento de um novo paradigma abrangente. A multiplicidade de abordagens e práticas metódicas caracteriza os anos 1980 e 1990. A maior parte das novas propostas os esboços de novos modelos historiográficos,

¹²⁰ - Idem , p.15

concentram-se na apresentação de escritos de reflexão, de fundamentação, de método e de teoria, quando não de exortação e normalização.

Nos anos oitenta constata-se uma mudança no panorama das tendências e ensaios no campo da teoria e da pesquisa social em seu conjunto, incluída a historiografia em todas as suas variações. O panorama ao final do século XX pode ser caracterizado das mais diversas maneiras, mas certamente se impõe o aspecto de certa dispersão, rica em propostas inovadoras, fértil em modismos e abundante em "releituras". A época das grandes propostas paradigmáticas, como as do marxismo, dos Annales e do quantitativo estrutural, que se estendeu dos anos 1940 até os 1980, cedeu à fase da crise dos paradigmas e da busca de novas formas de investigação e de expressão. Assim, ao encerrar-se o século XX, a grande linha de desenvolvimento que fez da história um inegável êxito cognitivo ao longo de mais de cinquenta anos, parece ter sofrido uma forte inflexão, da qual resultou a perda de atrativo da história-ciência em benefício da história-ensaio.

Dessa maneira, desenvolver um estudo que buscou considerar o percurso de produção historiográfica analisando revistas periódicas para além dos limites do texto em si, sua materialidade, em perseguição as transformações ocorridas na produção historiográfica brasileira nas décadas de 1960 e 1970.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE ROJAS Carlos Antonio, **Pensamiento historiográfico e historiografía del siglo XX**. Ensayos introductorios, Prohistoria-Manuel Suárez, 2001. Rosario.

_____. “**La recepción de la historiografía francesa en América Latina, 1870-1968**”.

ALMEIDA, Jaime de. (Org.). **Caminhos da História da América no Brasil: Tendências e Contornos de um Campo Historiográfico**. Brasília: ANPHAC, 1998.

ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. **Historiografia Luso – Brasileira Contemporânea**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

_____. **Sob o Signo da Nova Ordem**. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. (1914 – 1945). São Paulo, SP: Editora Loyola, 1999.

BLOCH, Marc, **Introdução a História**. Trad. Manuel, Rui Grácio e Vítor Romaneiro. Portugal: Publicação Europa – América, 1997.

BORDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Coleção Debates. Trad. Ana Rebeca. Portugal: Publicações Europa – América.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (Org.) **Passados Reconstituídos; Campos e Canteiros da História**. Trad. Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Edit. UFRJ: Edit. FGV. 1998.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos Sobre a História**. Coleção Debates. Trad. J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

BURKE, Peter. **A Escolas dos Annales (1929 – 1989) “A Revolução Francesa da Historiografia”**. Trad. Nilo Odália. SP: Editora da UNESP, 1997.

_____. (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP 1992.

_____. **História e Teoria Social** ; Trad. Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

CARBONELL, **Charles-Olivier. Historiografia**. Tradução de: Pedro Jordão. Coleção Teorema, v.21, Editora Editipo, Lda. Lisboa, 1981.

CARDOSO, Ciro Flamarion S; BRIGNOLI, Héctor Perez. **Os Métodos da História**. Trad: João Maia. – RJ: Edit. Graal. 1979.

_____. ; VAIFFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. – Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Amo Vogel. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

COLLINGWOOD, Roger G. *Idea de la Historia.* Trad. Edmundo O’Gorman y Jorge Hernández Campos. **Fundo de Cultura Económica**, S.A México 1986.

CORRÊA, Anna Maria Martínez. **Para preparar a mocidade.** Fragmentos de Memórias na História da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara: 1923-1976. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

D’ALESSIO, Márcia Mansor. **Reflexões sobre o saber histórico.** Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux. – SP: Fundação Editora da UNESP, 1998.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourett: mídia, cultura e revolução;** Tradução Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930.** Passo Fundo: Ediupf 1998.

DOSSE, Façois. **A história em migalhas: dos “Annales” à “Nova História”** Trad. Dulce da Silva Ramos. SP: Campinas, SP: Editora; UNICAMP, 1992.

FARGE, Arlette. **Lugares Para a História;** Tradução Fernando Scheibe, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011

_____. **A história a prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido.** Tradução Ivone Castilho Benedetti. – SP: Editora UNESP, 2001.

FERREIRA, Antônio Celso. **A Epopéia Bandeirante**, Instituições Históricas (1870 – 1940). São Paulo. Editora: UNESP, 2002.

FEBVRE, Lucien. **Combates Pela História.** Coleção Biblioteca de Ciências Humanas. Tradução de Leonor Martinho Ramos. Lisboa: Editora Presença.

FEBVRE, Lucien. **História. Coleção** (Grandes Cientistas Sociais) (Org.) Carlos Guilherme Mota. Trad. Adalberto Marson, Paulo de Salles Oliveira e Maria Elisa Mascarenhas – S: Edit. Ática. 1978.

FERNANDES, Florestan. **A ditadura em questão.** São Paulo: T. A Queiros, 1982.

FONTANA, i Lazaro, Josep. **História: análise do passado e projeto social;** Tradução; Luiz Roncari – Bauru, SP: EDUSC, 1998.

GIANNATTASIO, Gabriel e IVANO, Rogério. **Epistemologias da História: Verdade, Linguagem, Realidade, Interpretação e Sentido na Pós-modernidade.** Londrina: Eduei, 2011.

GLÉNISSON, Jean Colab; CAMPOS, Pedro Moacyr de; COSTA, Emilia. **Viotti da. Iniciação aos Estudos Históricos.** SP: Difusão Européia Do Livro. 1961

GLEZER, Raquel. (Org). **Do Passado para o Futuro**: Edição Comemorativa dos 50 Anos de Anpuh – São Paulo: Contexto, 2011.

GOMES, Angela de Castro. **História e Historiadores**. A política cultural do Estado Novo. 2.ed., Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1999.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**; Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. – São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. Tradução Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Cia Das Letras, 1998.

_____. **Era dos Extremos**: O breve século XX: 1914 – 1991. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. – SP: Companhia das Letras, 1995.

IGLÉSIAS, Francisco. **Os historiadores do Brasil**: Capítulo de historiografia brasileira. RJ: Ed. Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA. 2000.

_____. Caminhos da Historiografia. **Revista Estudos Históricos**, FGV. v.1, 1988 Rio de Janeiro Ed. Revista dos tribunais LTDA.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. In. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. SP: Edit Contexto, 1998.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**; Tradução de Mário Vilela, 2.ed. – São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos; Tradução Wilma Patrícia Maas. – Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LAMBERT, Peter. **História**: Introdução ao Ensino e à Prática; Tradução: Roberto Cataldo Costa. – Porto Alegre: Ed. Penso, 2011.

LAPA, José do Amaral. **A História em Questão**. Historiografia brasileira Contemporânea. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1976.

_____. História e Historiografia: Brasil pós-64/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Estudos Brasileiros: v.87)

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger e REVEL, Jacques. A história Nova / sob a direção : Trad. Eduardo Brandão. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História**: Novos Problemas. 3.ed. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1988.

_____. Uma vida para a história: conversações com Marc Heurgon/ Jacques Le Goff; Tradução de José Aluysio Reis de Andrade. – SP: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão, 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LOPES, Marco Antônio, (Org.). **Fernand Braudel: tempo e história.** Rio de Janeiro : Editora FGV, 2003.

LUCA, Tania Regina De; FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves. (Orgs.). **O historiador e seu tempo: encontros com a história.** São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008.

MALERBA, Jurandir. **A História da América Latina: ensaio de critica historiográfica /** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. (Coleção FVG de bolso. Série História).

_____. (Org) **A Velha História: Teoria, Método e Historiografia.** – Campinas, SP: Papyrus, 1996.

MALERBA, Jurandir e ROJAS Carlos Aguirre. (Org). **Historiografia Contemporânea em Perspectiva crítica.** Bauru: EDUSC, 2007. (Coleção História).

MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a Primeira Geração De Historiadores Universitário da USP (1935-1956): Notas Para Estudos. In: **Revista de História.** São Paulo, v.146, p. 11-27, 2002.

MERQUIOR, José Guilherme. **O véu e a máscara: ensaios sobre cultura e ideologia.** Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

MITRE, Antônio. **O dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino – americano.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Conversas com historiadores brasileiros: entrevistas por José Geraldo Vinci de Moraes e José Marcio Rego.** São Paulo: Ed. 34, 2002.

MORROU, Henri-Irénée. **El Conocimiento histórico.** Traducción de J. M. García de la Mora. Editorial Labor, S. A. Calabria, Barcelona, 1968.

MOTA, Carlos Guilherme (Org). **Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500 – 2000): A grande transação.** São Paulo: Editora SENAC, 2002

_____. **História e contra-história: perfis e contrapontos –** São Paulo: Globo, 1010.

_____. **Ideologia da Cultura Brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica.** 2. Ed. São Paulo, Ática, 1977.

NOVAIS, Fernando Antônio. **Aproximações: Estudos de História e Historiografia.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

OLIVEIRA, Fábio Ruela de. **História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (1958 – 1964): Memória da Formação de um Instituto Superior Paulista.** 2002. Dissertação (Mestrado) FCL, Assis.

PELOSI, Hebe Carmen. A Perspectiva Americana nas Revistas Históricas Argentinas da Segunda Metade do Século XIX. In: **Revista Brasileira de História.** v.16, n.31 e 32, p. 119-142. 1996.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. 2.ed., São Paulo: Contexto, 2010.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

REIS, José Carlos. **A escola Dos Annales**. "A Inovação em História". São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**- 9. Ed. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. **História, a Ciência dos Homens no tempo**. Londrina: EDUEL, 2009.

_____. **História da "Consciência Histórica" Ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. **O Desafio Historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RODRIGUES, José Honório. **História Combatente**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

_____. **História e Historiografia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. **Tempo e Sociedade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**; Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**; Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SALES, Véronique. (Org.); Tradução Cristiane Gradwohl Colas. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SAMARA, Eni de Mesquita. (Org.). **Historiografia Brasileira em Debate**. São Paulo: Humanistas/ FFLCH/USP, 2002.

SILVA, Rogério Forastieri da. **História da Historiografia: capítulo para uma história da historiografia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 – 1945)** Trad. brasileira por uma equipe coordenada por Ismênia Tunes Dantas. Editora SAGA S/A. 1969.

TÉTART, Philippe. **Pequena História dos Historiadores**. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. (Org.) Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. **Travessia das Fronteiras**: Entre Mito e Política II;
Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade
de São Paulo, 2009.